
RITUAL
DO
APRENDIZ MAÇOM

Contendo o Cerimonial,
a Explicação de todos os Símbolos do Grau etc.

por
J.-M. RAGON

Antigo Venerável, Fundador das três
Oficinas dos Trinósofos em Paris,
autor do *Curso Interpretativo das Iniciações* etc.

Tradução
Frederico Ozanam Pessoa de Barros



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

ÍNDICE

Origem do nome Franco-maçom	7
Verdadeira origem dos antigos mistérios e, posteriormente, da Franco-maçonaria	11
Sumário	19
Ritual do grau do aprendiz	21
Prefácio	21
Os rituais	23
— Preliminares	24
— Apresentação para a iniciação, a afiliação ou a regularização	24
— Intervalos a observar na colação dos graus	25
— Das demissões e licenças	26
— Das honras e precedências maçônicas	27
— Preparação do recipiendário	29
— Câmara das reflexões	29
— Disposição e decoração da loja	30
— Adornos dos oficiais	32
— Jóias	33
Abertura dos trabalhos	35
— Instrução	63
Loja de mesa	75
Reinício dos trabalhos	81
Iniciação de um surdo-mudo	93
Filiação	95
Nota a respeito do número 3	97
Profecia dos três irmãos	113
Observação	115
Índice analítico dos assuntos	117

ORIGEM DO NOME FRANCO-MAÇOM

Muito antes de Aschmole, isto é, antes de 1646, os iniciados nos antigos mistérios, com a finalidade de conservar suas doutrinas, se haviam misturado aos pedreiros (*maçons*) e ajudavam-nos em suas assembléias, por todos os meios que sua posição civil ou de fortuna lhes permitiam; e, para suas reuniões íntimas, dispunham, sem despertar a susceptibilidade das autoridades, do local que pertencia à confraria dos operários em construção. Aschmole, o sábio autor de nossos rituais simbólicos, tendo sido *aceito* nessa confraria, agiu da mesma forma com seus íntimos, para seus conciliábulos secretos relacionados tanto com a sua política em favor dos Stuarts quanto com o estabelecimento da nova ordem baseada nos antigos mistérios, para cuja propagação eles eliminaram, pouco a pouco, de seu seio, os operários em construção, até que chegasse o momento de propagar abertamente, sem perigo, essa nova ordem, que logo deveria invadir o globo. Foi o que ocorreu em Londres, a 24 de junho de 1717. Mas, para não fazer sombra aos magistrados, eles continuaram a se reunir sob o nome de *free masons*, pedreiros-livres (*isentos de taxas*), expressão que não corresponde exatamente ao sentido de franco-maçom.

Em 1725, maçons ingleses, partidários do *Pretendente*, fundaram em Paris, por sua livre iniciativa, duas lojas que tiveram sucesso e imitadores. A maçonaria material não teria conseguido mais êxito na França do que o nome de maçom-

-livre; e já que houvera uma transformação da coisa, seria uma falta grave não modificar-lhe a denominação e adotou-se essa expressão feliz: *franco-maçom*.

“Esse título fez sentir de tal modo a alta importância da missão civilizadora imposta pela nova instituição, que as lojas francesas rejeitaram a vaidade ridícula das procissões públicas, abandonadas pelas corporações de artesãos, e deixaram de solicitar sua admissão ou participação na colocação das primeiras pedras dos monumentos públicos, cerimônias de todo estranhas a seus rituais e finalidades, a menos que se tratasse da construção de um edifício às custas da ordem, para seu uso ou para ser consagrado à sua beneficência. O francês sabia muito bem que não se tratava de construir uma parede, por menor que ela fosse, ao adotar o título de Franco-maçom; mas compreendeu que, iniciado nos mistérios ocultos sob o nome de Franco-maçonaria, nada mais poderiam ser do que a continuação ou a renovação dos antigos mistérios, ele se tornava *maçom* à maneira de Apolo, de Anfião. Sabemos que os antigos poetas iniciados, falando da fundação de uma cidade, referiam-se ao estabelecimento de uma doutrina. É assim que Netuno, deus da razão, e Apolo, deus das coisas ocultas, apresentaram-se, na qualidade de maçons na casa de Laomedon, pai de Príamo, para ajudá-lo a construir a cidade de Tróia, isto é, para estabelecer a religião troiana. É assim que Anfião, usando de alegoria semelhante, construiu os muros de Tebas, ao som de sua lira, símbolo das leis (*Orthodoxia maçônica*).”

Aliás, devemos nos lembrar de que, originariamente, nos mistérios de Elêusis, os neófitos eram polvilhados com *gesso*, em memória do gesso de que se haviam coberto os titãs para se disfarçarem quando assassinaram o jovem Iaco.

O véu que cobre o nome de maçons, para significar que se trata de *construtores simbólicos* ou *fundadores* de doutrinas, não é, portanto, moderno e, se é conservado, o é sobretudo por

causa das interpretações engenhosas e morais que se acham
como que simbolizadas pelos diferentes utensílios consagrados
à arquitetura.

VERDADEIRA ORIGEM DOS ANTIGOS
MISTÉRIOS
e, posteriormente,
DA FRANCO-MAÇONARIA

Quando não se sabe de onde se veio
ou de onde se saiu,
não se sabe o que se é ou para onde
se vai.

Um único bem nos veio da Índia:¹ a INICIAÇÃO, isto é, a VERDADE, a protetora dos homens. A Franco-maçonaria é a renovação dessa Iniciação e dessa Verdade; achamos que ela chegou à Gália por intermédio dos druidas e dos celtas, fundadores de Bibracte (Autun), de Alésia, de suas maravilhas e de seus colégios iniciáticos, de onde alguns iniciados escaparam ao bárbaro massacre ordenado, 54 anos antes de nossa era, por Júlio César, por ocasião do saque de Alésia (*V. Ortodoxia maçônica*). Esses iniciados propagaram secretamente suas doutrinas durante dezesseis séculos até Aschmole, renovador, com eles, dos antigos mistérios.

1. Da Índia vêm todos os males, ou todos os erros: o feudalismo, a desigualdade social entre os homens divididos em castas, a maioria dos mistérios religiosos, as aberrações penitenciais, a abjuração absoluta de si mesmo, as fustigações, os jejuns, as mortificações, o isolamento nos claustros, etc. Mas, o mais louco de todos os fanáticos, na nossa Europa que tanto se compraz em imitar, não passaria de um inocente ao lado de um fanático hindu.

ORIGENS. A Índia primitiva, sem dúvida bem anterior ao tempo em que vivia INDRA, não pode ser considerada senão como um foco luminoso pela concentração dos conhecimentos adquiridos, dispersos mais tarde e refletidos, em parte, sobre as nações que a sucederam. Essa é a origem da Teogonia de Indra, recolhida por Zoroastro, o único a nos transmitir os ensinamentos, que se tornaram seus, desse primeiro dos legisladores ou fundadores de doutrinas, os primeiros benfeitores da humanidade.

Indra proclamou a unidade de Deus, de onde decorre a unidade do gênero humano; e os homens, tendo um só pai, comum a todas as raças, formam uma casta única. Dessa forma, estabeleceu-se no mundo a *igualdade civil* que produz a *fraternidade universal* e a *liberdade* de pensar e de escrever, primeira base moral dos mistérios e da Franco-maçonaria que encontra aí, como ponto de partida, sua primeira coluna hercúles, J.°. A pureza desses princípios civilizadores alterou-se pela tradição.

Muitos séculos depois, surgiu MANU, com suas leis apresentadas como reveladas e recolhidas em doze livros. Ele antecedeu de muito o aparecimento do célebre Valmiki, o pai da poesia sânscrita.

Manu proclamou três deuses ou três sóis: o sol da primavera (*primum tempus*): nascimento, *formação*;² o sol do verão: crescimento, *propagação*; e o sol de inverno: destruição, *transformação*. Ou um só Deus, um Sol único, representado sob três modalidades de ação. Essa antiga doutrina dos três princípios ou das três idades do homem e do ano, que então tinha apenas três estações, é a fonte de todo o sistema trinitário manifestado depois; ela tornou-se a base dos mistérios e, mais tarde, a base da Franco-maçonaria, cujos três graus estão em perfeita relação com os sóis de Manu. Deve ser evidente, para todo maçom de boa-fé, para o escocês, para o misraimista,

2. Era a época da abertura dos grandes mistérios no Egito.

assim como para o menfisiano e outros, que a Franco-maçonaria não pode admitir nenhum grau racional depois do grau de Mestre, isto é, que não existe nenhuma revelação possível a ser feita depois da transformação que se segue à morte do indivíduo ou à sua *despersonificação*.

Oito séculos depois, os três sóis de Manu foram personificados, e tivemos BRAHMA, deus formador, que faz nascer, 1.^a idade; VISHNU, deus conservador, que faz crescer e propagar, 2.^a idade; e RUDRA ou ÇIVA, deus destruidor, que personifica e transforma, 3.^a e última idade — todas as três refletidas em nosso simbolismo. Os sacerdotes dessa trindade mitológica, os brâmanes que, como Manu, ignoravam os princípios civilizadores de Indra, adotaram em grande parte os livros de Manu, que, diziam eles, eram revelados, o que não pode ser porque são anti-sociais, isto é, contrários à lei divina, à lei natural. Mas a fama de Indra era tal que os brâmanes dele fizeram um deus e um dos guardiões do mundo, senhor do céu, governador do ar e das estações; eles o representam sentado sobre um elefante, com quatro braços, que comandam os quatro pontos cardeais, e empunhando uma flor de lótus.

O ilustre ZOROASTRO (o astro de ouro), o reformador dos magos que se tornaram seus discípulos, surgiu 2.160 anos antes de nossa era. Imbuído dos princípios sociais e das leis de Indra, ele desprezava o bramanismo como algo anti-social por sua legislação, pela sanção que ele dava, em vez de reformá-la, à divisão dos povos em castas, ao isolamento das famílias, ao desprezo pelo trabalho e à sujeição da mulher.

Zoroastro ensinou a astronomia aos hindus, aos bactrianos, de quem se diz ele foi rei, e aos persas. Sua moral baseava-se no amor ao próximo; seu dogma, na unidade de Deus; tinha em grande respeito o fogo, como tipo verdadeiro da Divindade invisível, e uma forte antipatia por Arimã, *princípio* não co-eterno a Deus.

Zoroastro instruía seus discípulos em reuniões secretas que começavam ao meio-dia e terminavam à meia-noite numa refeição modesta de amigos. Daí, sem dúvida, a origem do horário que serve para abrir e para fechar nossos trabalhos simbólicos. Ajudado por seus discípulos, ele civilizou a Ariana, ou Ária, região central da Índia, da qual difere por sua temperatura sempre amena. Na Índia, os verões são fortíssimos e os invernos terríveis. Lá os climas são tão diversificados como as raças: existem lá os homens brancos das montanhas, os filhos de Schir; depois os homens amarelos, os negros, e muitos mestiços em diferentes graus. Os civilizados, os iniciados, chamados *os filhos de Deus*, acham belas as filhas dos amarelos, e desposam-nas. Os costumes hindus são detestáveis: o orgulho, o egoísmo, o desprezo pelo trabalho e pela mulher, o fanatismo, o ódio pela associação, a astúcia, dominam entre os hindus.

Passemos para o lado oposto: em Ariana, clima temperado, há uma única e mesma raça, feliz e próspera, sob as sábias leis de Zoroastro: a mulher não é mais uma serva, mas a dirigente do lar; como o homem, ela pode aspirar ao sacerdócio; lá, não existem classes privilegiadas, não há mais sudras ou escravos; em Ariana, o trabalho é considerado uma prece e o trabalho agrícola como a prece mais agradável a Deus. Entre esse povo afortunado, entre os quais a máxima de Zoroastro: *Ama a teu próximo como a ti mesmo* é praticada em toda parte, o teto conjugal é respeitado, a moralidade, honrada; as indústrias e o trabalho são encorajados, as relações de amizade entre todos, mesmo com os animais, muito recomendadas. O deus de Zoroastro e dos magos era infinitamente misericordioso: os próprios demônios deveriam arrepender-se e conseguir o perdão, isto é, tinham um purgatório, um paraíso e nada de inferno. Mais tarde, esses ensinamentos, que fazem de Zoroastro o mais ilustre dos iniciados e o modelo dos maçons, serão recolhidos pelos budistas e pelos filósofos da Ásia (a doutrina de Zoroastro encontra-se no *Zendavesta* e no *Bundehish*).

Enfim, surgiu *Gautama*, apelidado de BUDA, que quer dizer *o Sábio*; ele nasceu no ano 1029 antes de nossa era.³

Os brâmanes haviam proclamado oito encarnações de Brahma, o que quer dizer que eles haviam estabelecido oito graus de educação religiosa; Buda vem dar ao mundo, não uma nova educação, mas a demonstração de uma luz mais vivificante, tirada do antigo lar de Indra e transmitida pelos magos de Zoroastro. Ele declarou-se o reformador do bramanismo, cujas instituições anti-sociais ou contrárias à lei natural aboliu. Proclamou um Deus único, formador do universo e pai de todos os homens, os quais, *semelhantes tanto por dentro quanto por fora, formam, por certo, uma só casta* que deve viver num estado de igualdade social e de fraternidade universal, sob o regime de uma solidariedade recíproca. Livres de regras pueris, de práticas supersticiosas e degradantes, de preconceitos bárbaros e embrutecedores, enfim, de tudo o que se opõe à razão humana, os budistas abriram o caminho do progresso e caminharam por ele, resolutamente; tiraram a mulher de sua indignidade, declarando-a igual ao homem; moralizaram os laços de família e as relações sociais; permitiram o uso da carne de animais, etc.

3. Sua lenda é maravilhosa, como a de Krishna, a de Zoroastro, a de Moisés, a de Pitágoras, que nasceu quatro vezes e ressuscitou dos mortos, e a de outros fundadores de doutrinas; todas estão cheias de milagres: Buda desceu das regiões celestes até o seio de Mâyâ, filha do mais nobre sangue real, e virgem, embora casada com Soudhadana, e permanecendo sempre virgem e imaculada. Ele foi concebido sem pecado e colocado no mundo sem dor pelo lado direito, ao pé de uma árvore, sem tocar na terra. Os reis e os sábios do país, prevendo seu destino glorioso, apressaram-se em ir até o seu berço para saudá-lo. Logo após seu nascimento, ele foi divinizado. Sua infância foi admirável: podemos convencer-nos disso pelas narrativas singularmente semelhantes às do evangelho sobre a infância de Jesus, que a Igreja Católica considera apócrifas; ambos discutem com os doutores da lei e confundem-nos pela sua sabedoria. Deixando riquezas paternas, impressionado apenas com as misérias públicas, Buda foi meditar no deserto e se preparar para sua divina missão com o jejum e a oração. Depois ele voltou ao mundo e pregou sua doutrina, à qual se converteu quase toda a Ásia.

Sentindo a proximidade de seu fim, Buda, nascido 950 anos antes do nascimento de Jesus, confiou o segredo dos mistérios a um de seus discípulos chamado Mahakeya. Na religião de Brahma, o Oriente aspirava captar, encarnar o seu Deus em todas as coisas; na religião de Buda, ele aspira a distingui-lo, a eliminá-lo de tudo. O número de seus seguidores vai além de 200 milhões. Mas seus dogmas, impregnando mais tarde o seu espiritualismo primitivo, acabaram por ultrapassar os do Cristianismo. Os sucessores de Buda, em sua maioria, mergulharam no vácuo, para melhor purificar-se das impurezas da existência, isto é: tornaram-se cenobitas inúteis à sociedade.

Maçons de todos os ritos, homens esclarecidos de todos os países, Indra, Zoroastro e Buda, eis vossos primeiros antecessores. Se consagramos a Indra nossa primeira coluna J.°, que representa a Lei natural universal, a religião do sábio, proclamada por esse legislador, devemos consagrar nossa segunda coluna B.° a Buda, que a praticou e no-la transmitiu nas doutrinas dos magos etíopes⁴ e dos sacerdotes egípcios que chegaram até nós. Mais adiante, encontraremos outra consagração de nossas duas colunas.

Tínhamos 22 anos quando, em 1803, apenas entrados na Maçonaria, criamos haver descoberto as suas origens, e pensávamos ser jovens demais (7 anos) para nos permitir a sua divul-

4. Perto de quatro séculos antes de nossa era, o tirano Eriameno, ou Hergameno, que então governava a Etiópia (alto Egito), furioso com os obstáculos que a sabedoria dos gimnosofistas, cujo principal colégio levantava-se na ilha de Meroe, opunha às suas tendências despóticas, resolveu libertar-se deles e aproveitou-se de uma cerimônia que os reunira a todos num mesmo templo para mandá-los massacrar. Esse covarde atentado mergulhou no luto e na desolação os etíopes, que disputavam com os egípcios a primazia da antiguidade e da superioridade de suas luzes, que eles haviam recebido dos hindus, aos quais se confessavam inferiores.

Esta notícia foi publicada no boletim do G.°. O.°. de fevereiro de 1860, sob o título de ALVÍSSARAS MAÇÔNICAS.

gação. A necessidade de mais estudo, a fim de sustentar a discussão que disso poderia resultar, nos reteve, assim como a necessidade, bem sentida, de antes ler muito, para saber se algum escritor já não teria falado a respeito e não teria feito uma descoberta melhor. Mas chegamos até agora (1860) sem descobrir, entre os autores, nada que nos satisfizesse completamente: em uns (maçons *bíblicos*), nossa ordem tem por origem o templo de Salomão e as confrarias dos operários construtores; em outros (maçons *templários*), nascemos das cruzadas ou da ordem do Templo; entre alguns (maçons que estão mais perto da verdade mas que começaram pelo meio do caminho), nossa origem está nos mistérios do Egito ou da Grécia; outros, enfim, partem do bramanismo. Grave erro! A Franco-maçonaria, um elo social e civilizador, não tem nenhuma ligação com nenhum sistema dissolvente e anti-social. Um autor moderno disse, num livro impresso em 1848, que a Maçonaria nasceu do *ódio pelo mal e do amor pelo bem*. Essa verdade é insuficiente; falta-lhe uma data e a base dos fatos. Julgamos, portanto, estar certos ao intitular este artigo: VERDADEIRA ORIGEM DOS MISTÉRIOS E, POSTERIORMENTE, DA FRANCO-MAÇONARIA.

Desejando fazer com que nossos leitores participem dos trabalhos nos quais procuramos indicar claramente nossa origem maçônica, aproveitamo-nos da publicação deste NOVO RITUAL para submetê-los a seu julgamento.

SUMÁRIO

"Omnia sunt per allegoriam dicta."

SANTO AGOSTINHO

Este primeiro grau ensina a moral, explica alguns símbolos, indica a passagem da barbárie para a civilização: é a primeira parte histórica da iniciação; ele leva o neófito à admiração e ao reconhecimento para com o Grande Arquiteto do Universo, ao estudo de si mesmo e de seus deveres para com seus semelhantes; dá a conhecer os princípios fundamentais da Maçonaria, suas leis, seus costumes, e dispõe o neófito à filantropia, à virtude e ao estudo.

RITUAL DO GRAU DO APRENDIZ

Fazer conhecer a Maçonaria é fazê-la amar.
Os rituais oficiais fazem os maçons; estes fazem
os iniciados.

PREFÁCIO

A Franco-maçonaria é uma associação universal, sujeita às leis de cada país. Em cada Estado, como em cada loja, ela é uma sociedade íntima de homens escolhidos, cuja doutrina tem por base o amor de Deus, sob o nome de GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, e o amor dos homens; por regra, a religião natural e a moral universal. Ela tem por causa a verdade, a luz, a liberdade; por princípio, a igualdade, a fraternidade, a beneficência; por armãs, a persuasão e o bom exemplo; por fruto, a virtude, a sociabilidade, o progresso; e por finalidade o aperfeiçoamento e a felicidade da humanidade que ela tende a reunir sob uma só bandeira. Seu centro e seu império estão onde está o gênero humano; não se trata de uma sociedade secreta, mas de uma sociedade que tem um segredo.

De acordo com essa definição, faz parte da sabedoria e do interesse de todas as lojas só admitir à participação de nossos mistérios pessoas dignas de compreender os ensinamentos da Maçonaria e de concorrer para alcançar os objetivos a que ela

se propõe. As lojas devem, portanto, agir com a maior prudência na admissão de um profano.⁵ Quanto, nessa ação, deve parecer grave a uma oficina sua responsabilidade para com a Ordem toda, se ela considerar que vai dar um membro à associação e um irmão a cada membro; porque, uma vez admitido, todos os maçons do universo, sejam eles de que estado, qualidade ou condição forem, devem considerá-lo como tal. Faz parte, portanto, da honra das oficinas que os aspirantes sejam dignos de ser apresentados onde quer que seja, e é desse modo que nossa instituição poderá estender seguramente sua beneficente influência junto à sociedade civil.

Animado pelo desejo de alcançar uma espécie de uniformidade no modo de proceder, com sucesso, à iniciação, achamos que o melhor meio para fazê-lo seria dar aos rituais a ciência e o interesse que até agora lhes faltaram. Essa instrução preliminar que um Venerável habilidoso desenvolverá facilmente, deixará satisfeitos os assistentes e será para o neófito como que uma chave para estudar com proveito e compreender sem esforço nossos símbolos. As recepções recuperarão a importância que merecem.

O nome de Franco-maçonaria serviu de véu a uma multidão de cargos cujos princípios e finalidades não têm nenhuma relação com os seus. Excetuamos três graus (sobre 30): um capitular, o *Rosa-Cruz*; o outro filosófico, o *Kadosch*, 30.º grau, e o *Grande Inspetor Geral*, 33.º e último grau, grau honorífico e administrativo, que pertence, com o *Kadosch*, ao rito escocês chamado *antigo e aceito*, e que se compõe de vários sistemas sem coerência, mantidos pela vaidade, embora os chamados graus *dos punhais* tenham levantado contra os maçons uma multidão de calúnias, de interdições, de perseguições, que nossas interpretações tendem a destruir.

5. Profano (do latim *pro*, fora, e *fanum*, templo, não-iniciado). Essa palavra, que nunca é tomada no mau sentido, opõe-se aqui a *iniciado*.

OS RITUAIS

(coletânea das cerimônias dos ritos)

Os rituais nada mais são do que um meio de se estar em casa e entre os seus.

O ritual de cada grau é a coletânea das cerimônias, ações, marchas, toques que devem ser dados, e senhas, palavras consideradas *sagradas* e que devem ser pronunciadas de acordo com as circunstâncias e os lugares em que se está.

Além das palavras dos graus, o supremo poder regular que rege a ordem maçônica nos Estados, como o G.º. O.º. na França, dá a cada revolução solar uma palavra anual e, a cada festa solsticial, uma palavra para o semestre.

O ritual mostra a maneira como se abrem, se realizam e se encerram os trabalhos do grau, e a instrução nele dada sob a forma de catecismo.

Nos antigos mistérios, era ao pôr-do-sol e nas épocas de lua cheia que se abriam e se realizavam os trabalhos; os trabalhos dos três graus simbólicos também são realizados pelo fim do dia; mas supõe-se que eles se abrem ao meio-dia e se encerram à meia-noite, de acordo com o que Zoroastro costumava fazer com seus discípulos.

Essa idéia engenhosa fornece aos adeptos modernos ocasião para examinar a forte influência que a luz e as trevas, isto é, a filosofia e a ignorância, exercem sobre a felicidade e a infelicidade dos povos.

É evidente que a finalidade dos rituais é dar aos membros da grande família os meios infalíveis de se reconhecerem, ao mesmo tempo em que esses meios constituem um obstáculo poderoso contra os ardis da impostura e as tentativas da curiosidade.

Para um grande número de irmãos, adornados com insígnias da Ordem e revestidos das mais altas dignidades, os sinais,

as palavras, os toques constituem os únicos segredos da Franco-maçonaria: provaremos que existem outros.

PRELIMINARES

“Ninguém pode tornar-se maçom e gozar dos direitos ligados a esse título se não tiver 21 anos completos; se não tiver uma reputação e costumes irrepreensíveis; se não tiver uma profissão livre e honrosa; se não tiver meios suficientes para viver e se não tiver instrução bastante para compreender e apreciar as verdades maçônicas (*Estatutos Gerais*, art. 9).”

“São dispensados das condições de idade os filhos de maçons, que podem ser recebidos aos 18 anos, se apresentarem o consentimento do pai ou tutor (*id.*, art. 10).”

“Nas reuniões maçônicas, todos os irmãos se encontram num nível da mais perfeita igualdade; não existem entre eles outras distinções além das da virtude, do saber e da hierarquia dos cargos (*id.*, art. 11).”

“A loja é a oficina fundamental; é ela que inicia à vida maçônica; é sobre ela que se inserem as chamadas *oficinas de perfeição* (*id.*, art. 20).”

APRESENTAÇÃO PARA A INICIAÇÃO, A AFILIAÇÃO OU A REGULARIZAÇÃO

“Todo profano que reunir as condições exigidas pela constituição e os estatutos gerais pode ser proposto à iniciação por um ou vários membros da loja de que ele deseja fazer parte.”

“Aquele ou aqueles que se apresentarem devem fazer seu pedido mediante um boletim assinado individualmente e colocado no saco de proposições. Esse boletim deve conter o nome, o prenome, o endereço, o lugar, o dia, o mês e o ano de nascimento, assim como as qualidades civis do candidato.” — “O

presidente faz a leitura desse boletim sem dar a conhecer o nome dos apresentadores e, sem revelar seus nomes, encarrega três comissários especiais para tomar informações a respeito da moralidade e das outras qualidades do candidato. — Os comissários devem fazer um relatório a respeito na reunião seguinte (*id.*, art. 252)."

"Em caso de urgência, o pedido de iniciação e seu envio a uma comissão pode ser feito no intervalo entre uma sessão e outra; nesse caso, as pranchas de convocação devem designar os profanos propostos."

"A admissão de um profano só pode ser feita no escrutínio e de acordo com as conclusões do orador (*id.*, art. 253)."

"Em caso de urgência, uma loja, a pedido de outra loja e de dois membros dessa oficina, pode dar, em nome dessa mesma loja, a iniciação ao Pro.' que ela apresentar. O pedido escrito, assinado e timbrado pelas cinco primeiras luzes da L.' que solicita é guardado nos arquivos da loja que faz a recepção." — "A presença do Venerável e de dois outros membros é constatada no quadro dos trabalhos do dia (*id.*, art. 254)."

"Os pedidos de afiliação ou de regularização estão sujeitos às mesmas formalidades que as prescritas para as iniciações, e seus comissários se submetem, a esse respeito, aos art. 204 e seg., para as regularizações, e aos art. 222 e seg., para as afiliações. — Nenhum maçom pode ser afiliado a uma loja superior se não justificar que é membro ativo de uma loja da correspondência do G.' O.' (*id.*, art. 255)."

INTERVALOS A OBSERVAR NA COLAÇÃO DOS GRAUS

"A série dos graus que compõem cada um dos ritos admitidos pelo G.' O.' também está dividida em classes e cada classe é determinada pelo mais importante desses graus. Estes só podem ser conferidos com a pompa e as cerimônias próprias

desses graus. Só os graus intermediários podem ser dados mediante comunicação (*id.*, art. 256)."

"O grau mais elevado conferido por uma oficina só poderá ser dado pela própria oficina (*id.*, art. 257)."

"São considerados como não podendo ser conferidos por comunicação os três gr. simbólicos, os de Cav. Rosa-Cruz, de Cav. Kadosch, do Real Segredo e de Grande Inspetor Geral, grau 33.º (*id.*, art. 258)."

"O intervalo de tempo a ser observado para a colação dos gr., a partir da época da iniciação, deve ser tal que não se possa ser recebido como COMP. senão aos 21 anos e 5 meses; como MESTRE, aos 21 anos e 7 meses; como R. C. aos 25 anos; como K., aos 27 anos; como Pr. de R. S., aos 30 anos, e como G. I. G., aos 33 anos."

"Quanto aos iniciados com mais de 21 anos, eles só poderão ser recebidos como COMP. cinco meses depois de sua recepção ao gr. de Apr., e como M., dois meses depois de sua recepção ao gr. de Comp."

"Contudo, em caso de urgência constatada pela afirmação de dois II. Membr. da Of., e reconhecida por uma deliberação expressa da L., com a maioria de 2/3 dos sufrágios, os prazos exigidos para os graus de companheiro e de mestre poderão ser reduzidos, sem que tais graus jamais possam ser conferidos no mesmo dia que o de Apr.. A afirmação, os nomes dos II. que a tiverem fornecido e a deliberação da Of. serão consignados no livro de ouro." — "Para a colação dos outros gr., observar-se-á, entre cada um deles, um intervalo de três meses, submetendo-se estritamente, quanto à idade, ao que é prescrito no parágrafo 1.º deste artigo (*id.*, art. 259)."

DAS DEMISSÕES E LICENÇAS

"Todo pedido de demissão deve ser feito por escrito e assinado. É depositado no saco das proposições ou endereçado

à Of.'. na pessoa de seu presidente." — "Se a Of.'. o achar conveniente, uma deputação de três membros será encarregada de se transportar até o I.'. que pediu demissão e convidá-lo a desistir do intento. Caso se recuse, o seu pedido de demissão é aceito; do contrário, será considerado sem efeito."

"Concede-se o prazo de um mês a um I.'. para retirar o pedido de demissão; mas ele deve fazê-lo por escrito. Seu pedido e desistência ficarão consignados no livro de ouro." — "Todo I.'. demissionário é obrigado a liquidar o que deve à Of.'. Se se recusar a tal, sua demissão não será aceita e se procede com ele do modo como vem descrito nos artigos 260 e 269."

"Pedidos de licença devem ser feitos por escrito à Of.'. , que deverá decidir a respeito. O qu.'. dos trab.'. do dia deve mencionar esses pedidos."

"Não podem ser concedidas licenças por mais de um ano; elas podem ser renovadas com as mesmas formalidades." — "Não se concedem licenças ao I.'. que não estiver em dia com a Of.'. " — "Uma licença não dispensa o pagamento das cotizações; contudo, essas cotizações podem ser perdoadas ou reduzidas, mediante um despacho especial da Of.'. (*id.*, art. 261)."

DAS HONRAS E PRECEDÊNCIAS MAÇÔNICAS

"Um maçom, por mais alto que seja o seu gr.'. , não pode pretender honrarias, precedências ou prerrogativas além das que são enumeradas a seguir." — "Ele está proibido de usar colares ou jóias além das que são autorizadas na ordem civil, ou então admitidas como ornamentos maçôn.'. nos diversos ritos conhecidos pelo G.'. O.'. (ver art. 42 a 49 dos estatutos e art. 262)."

"O G.'. M.'. é introduzido por 15 membros precedidos de um M.'. de C.'. , e conduzido debaixo da abóbada de aço ao bater dos malhetes até o lugar do presidente, que lhe entrega o

malhete. — Os GG.'. MM.'. Adj.'. são introduzidos da mesma maneira por 9 membros.

“Quando o G.'. M.', ou seus Adj.', não conservam o malhete, eles sempre ocupam a cadeira da presidência, e o presidente se conserva à sua direita.

“Se o G.'. M.'. é acompanhado de seus Adj.', estes se colocam à sua direita e o presidente da Of.'. à sua esquerda.

“Os grandes dignitários e os grandes Of.'. de hon.'. também são introduzidos por 7 membros.

“Os Memb.'. do Cons.'. do G.'. M.'. e os Insp.'. gerais encarregados de uma missão pelo G.'. M.'. são recebidos da mesma maneira por 7 membros.

“Os Memb.'. do G.'. Col.'. dos Ritos, os GG.'. Insp.'. gerais e os membros do Instituto dogmático são recebidos também por 3 membros.

“Os dignitários de uma oficina são introduzidos pelo M.'. de C.'..

“Todos os Dign.'. que acabamos de mencionar são colocados a O.'.; os mais altos em gr.'. junto do presidente.

“Os Cav.'. K.'. e os Cav.'. R.'. C.'. também são colocados a O.'. (art. 250 dos estat.'.).

“Uma Of.'. , seja qual for o seu rito, um Maç.'. , seja qual for o seu grau.'. , não podem exigir que sejam recebidos no rito que professam numa Of.'. de outro rito.

“As oficinas só podem esquivar-se de prestar as honras maçônicas quando os maçons que devem ser objeto das mesmas o pedirem formalmente (*id.*, art. 263).”

“O presidente acolhe e cumprimenta as comissões, as deputações ou os visitantes, e faz com que os aplaudam à sua entrada.

“Ele faz com que se prestem aos Of.'. Dignit.'. dos GG.'. O.'. estrangeiros as honras devidas às suas dignidades (*id.*, art. 264).”

PREPARAÇÃO DO RECIPIENDÁRIO

O Prof. ., deve ser levado por uma entrada particular, se possível, ao local, por seu propositos, que o entrega aos cuidados do I. . preparador; este manterá uma aparência severa e responderá brevemente, sem rudeza, às perguntas que lhe sejam feitas. Se ainda não tiver chegado a hora da abertura dos trabalhos, o recipiendário será levado a qualquer lugar secreto de onde não possa ver nem reconhecer ninguém. Mas, um pouco antes da abertura da Loja e mediante aviso do Venerável, ele será introduzido na câmara ou gabinete das reflexões e de preparação.

CÂMARA DAS REFLEXÕES

É um lugar escuro, impenetrável aos raios do sol e iluminado por uma lâmpada sepulcral. As paredes, pintadas de negro, estão carregadas de emblemas fúnebres, a fim de levar ao recolhimento e à meditação o recipiendário que, tendo de passar pelos quatro elementos dos antigos, sujeita-se à sua primeira prova, a da TERRA, no seio da qual, supõe-se, ele esteja, para lembrar-lhe sua última morada sob a forma do esqueleto que jaz junto dele num caixão aberto, para simbolizar o nada das vaidades humanas. Se não houver esqueleto, colocar-se-á uma caveira sobre a mesa. A mobília dessa sala consiste numa cadeira e numa mesa, coberta por uma toalha branca, sobre a qual estão papel, tinta, pó, pena e uma lâmpada. Acima da mesa estão representados um GALO e uma AMPULHETA; encimando-os, lêem-se estas duas palavras: VIGILÂNCIA (sobre suas ações), PERSEVERANÇA (no bem, pois as horas estão contadas).

As inscrições que costumam ser colocadas nas paredes são as seguintes:

"Se a curiosidade te trouxe até aqui, vai-te embora.

"Se temes ser esclarecido quanto a teus defeitos, não te sentirás bem entre nós.

"Se és capaz de dissimulação, começa a tremer, pois serás descoberto.

"Se dás importância à distinção entre as pessoas, sai, pois aqui a desconhecemos.

"Se tua alma sentiu medo, não sigas adiante.

"Se perseverares, serás purificado pelos elementos, sairás do abismo das trevas, verás a luz."

Depois de ter dado tempo ao paciente para fazer seu exame e suas reflexões, lhe é entregue um papel contendo três perguntas que ele deve responder; elas podem dizer respeito à sua profissão, à sua posição no mundo, etc. Eis as perguntas mais usadas:

"O que é que o homem deve a Deus?" — "O que é que ele deve a si mesmo?" — "O que é que ele deve a seus semelhantes?"

Essas perguntas podem ser resumidas no amor a Deus, no amor a si mesmo e no amor a seus semelhantes ⁶

O I.º preparador entra e lhe diz que, indo passar dali a pouco para uma nova vida, exige-se que ele faça e assine seu testamento, que o preparador virá pegar junto com suas respostas.

DISPOSIÇÃO E DECORAÇÃO DA LOJA

A loja deve ser coberta com tecidos de cores azul e branca, a não ser que represente alguma ordem de arquitetura ou que seja decorada de pinturas que tenham alguma analogia com as ciências, as artes, a agricultura ou mesmo a guerra (ver a instrução). Mas, tanto quanto possível, o teto deve ser um céu semeado de estrelas.

6. No ritual impresso em 5801, sob o título de *Regulador do Maçom*, as três perguntas são estas:

"O que um homem honesto deve a si próprio?

"O que deve a seus semelhantes?

"O que deve à sua pátria?"

No rito escocês, a pintura é *vermelha*.

Três luzes, uma a oriente, para o sul, duas a ocidente, dos lados norte e sul.

A ocidente ficam *duas* colunas ocas, de bronze, de ordem coríntia. Sobre cada *capitel* ficam *três* romãs entreabertas. Sobre o fuste da coluna da direita, ao entrar, está a letra B.'. e sobre o da outra coluna, a letra J.', que sempre deve ser iluminada durante a reunião dos trabalhos do primeiro grau.

No rito escocês, a coluna B.'. fica à esquerda e a coluna J.'. à direita.

PISO MOSAICO, sobre o qual é traçado, no meio do templo, um pouco para o oriente, o *quadro* da Loja. A cada reunião, desenha-se aí esse quadro misterioso, com giz que, depois dos trabalhos, é apagado com uma esponja ligeiramente embebida em água. Esse é o meio de evitar os gastos e o abuso de um quadro pintado, que pode cair em mãos profanas.

Esse quadro deve representar:

1.º Os *sete degraus* do templo e o *piso mosaico* de seu pórtico;

2.º As *duas colunas* misteriosas com seu monograma J.'. e B.'. Entre as duas colunas, à altura dos capitéis, um *compasso* aberto, com as pontas para o alto;

3.º A esquerda da coluna J.', a *pedra bruta*; à direita da coluna B.', a *pedra cúbica* pontiaguda e, entre o fuste dessas duas colunas, a *porta do templo*;

4.º Acima do capitel da col.'. J.', a *perpendicular* e, acima da col.'. B.', o *nível*;

5.º No meio da parte superior do quadro, desenhar-se-á um *esquadro*; à direita, o *sol*; a esquerda, a *lua* e, embaixo do quadro, a *prancha de traçar*;

6.º O fundo da parte superior representará um *céu* semeado de estrelas — tudo isso deverá ser cercado pela *borda dentada*;

7.º Enfim, desenhar-se-ão *três janelas*, a 1.ª a ocidente, a 2.ª a oriente e a 3.ª ao meio-dia.

A oriente, fica um *dossel* de tecido azul com franjas de ouro; debaixo, fica um *trono*, onde se senta o presidente; atrás, fica o *delta* sagrado. Diante do trono, está um *altar* ou mesa coberta com um tapete azul de franjas de ouro sobre o qual se coloca um *malhete*, um *compasso*, a *espada flamejante*, o *livro* dos estatutos gerais e um *candelabro* de três braços. O trono e o altar são elevados acima do piso, sobre um *estrado* de três degraus. A oriente, fica o *estandarte* da loja.

Para o rito esc., o dossel e o tapete são de tecido vermelho com franjas de ouro e, sobre o altar, coloca-se uma *Bíblia*.

Um pouco na frente, coloca-se uma pequena mesa triangular, chamada *altar dos juramentos*.

À esquerda do trono, fora do estrado, à frente da col.ª do meio-dia, ficam a *estante do orador*, onde se encontram os *Estatutos Gerais* e os *Regulamentos da oficina*, e a *estante do Tesoureiro*.

Frente a frente, diante da col.ª do norte, ficam a *mesa* do secretário e a *estante do hospitaleiro*.

A ocidente, junto da col.ª B.ª, fica uma *poltrona* para o 1.º vigilante. Em frente, junto à col.ª J.ª, fica outra *poltrona* para o 2.º vigilante. Cada um desses oficiais tem diante de si uma *mesa* sobre a qual está colocado um *malhete*.

Para o rito escocês, é a oeste, diante da col.ª J.ª, que se colocam a poltrona e a mesa do 1.º Vig.ª; ao sul, na direção oeste, ficam as do 2.º Vig.ª.

ADORNOS DOS OFICIAIS

Eles usam como colar o *cordão* azul achamalotado, em cuja extremidade prende-se a *jóia*.

JÓIAS

A do Venerável é um *esquadro*; a do 1.º Vig.º., um *nível*; a do 2.º Vig.º., uma *perpendicular*; a do orador, um *livro aberto*; a do secretário, *duas penas no colar*; a do mestre de cerimônias, uma *espada*.

OBSERVAÇÃO. Há Lojas onde os oficiais e mesmo o Venerável acham que, usando o *colar*, podem dispensar o uso do *avental* próprio de seu grau. Trata-se de um erro e de uma falta: o *avental*, símbolo do trabalho, é mais necessário que o *cordão*; ele é o verdadeiro *traje maçônico*; o *cordão* é apenas um adorno. Nas *assembléias*, para certos graus elevados, não se usa o *avental*, porque dá-se o *trabalho* como terminado; mas nas *assembléias simbólicas*, nas quais se inicia o trabalho maçônico, o *avental* é indispensável.

Todos os irmãos estão armados de *gládios* (espadas). Nas lojas, as luzes recebem o nome de *estrelas*. As banquetas, junto ao lugar onde ficam os II.º., são *colunas*. Há duas banquetas circulares a Or.º., para receber os II.º. de grau elevado ou de distinção.

Na loja não se escreve: *traça-se uma prancha*; o papel é a *prancha de traçar*; a pena, um *lápiz*.

O templo recebe o nome de *loja* ou de *oficina*; uma reunião de maçons recebe a mesma denominação; o que é feito nessas reuniões recebe o nome de *Trabalhos*.

Uma Loja compõe-se de oficiais, cujo QUADRO é o seguinte:

RITO FRANCÊS

Um Venerável, presidente.
Dois Vigilantes (1.º e 2.º).
Um Orador e Adjunto.
Um Secretário.
Um Tesoureiro.
Um Guarda dos selos, timbres e arquivos.

RITO ESCOCÊS

Um Venerável, presidente.
Dois Vigilantes.
Um Orador e Adjunto.
Um Secretário.
Um Tesoureiro.
Um Guarda dos Selos.

Um Hospitaleiro ou I.º.
Elemosinário.
Um Mestre de Cerimônias e
Adjunto.
Três Expertos, um dos quais
desempenha as funções de I.º.
Telhador.
Um I.º. Deputado ao G.º.
O.º. da França.
Um Mestre ou Ordenador dos
Banquetes.
Um Arquiteto do Templo.
Um I.º. Porta-bandeira ou
estandarte.
Um I.º. Terrível ou
I.º. Cobridor.
Um I.º. Servidor.

Um Esmoler ou Hospitaleiro.
Um Mestre de Cerimônias.
Dois Expertos.
Um Mestre dos Banquetes.
Dois Diáconos.
Um Arquiteto do Templo.
Um Porta-estandarte ou
Porta-espada.
Um Guarda do Templo.
Um I.º. Servidor.

ABERTURA DOS TRABALHOS

Bellum vitii, pax hominibus.

Estando reunidos os Irmãos no local e revestidos de suas insígnias maçônicas, o Venerável sobe ao trono e dá sobre o altar um golpe de malhete, repetido pelos vigilantes. Imediatamente, faz-se silêncio, todos se dirigem a seus lugares e se mantêm de pé.

O Ven.º diz: I.º 1.º Vig.º, *sois maçom?*

R. Meus II.º me reconhecem como tal.

P. *Qual o primeiro dever dos vigilantes na oficina?*

R. Assegurar-se de que o templo está bem coberto (*ao abrigo de qualquer indiscrição de profanos, tanto interna quanto externamente*) e se todos os II.º que ocupam as colunas são maçons.

P. *Tende a bondade de vos assegurar disso, meu I.º..* — O I.º 1.º Vig.º diz ao 2.º Vig.º: I.º 2.º Vig.º.. *Tende a bondade de vos assegurar de que o templo está bem coberto, e se todos os II.º de vossa col.º são Maç.º..*

O I.º 2.º Vig.º diz: I.º *experto, cumpri vosso dever.* O I.º *experto*, de espada em punho, sai e recomenda ao I.º *co-bridor* que cuide da vigilância externa do pórtico. Enquanto isso, os Vig.º percorrem rapidamente suas col.º, se, do lugar onde se encontram, não for suficiente a inspeção ocular.

O I.º *experto* volta e fala em voz baixa ao I.º 2.º Vig.º, que informa o 1.º Vig.º que o templo está coberto externa e internamente e que todos os II.º da col.º do norte são maçons.

O I.'. 1.º Vig.'. I.'. Ven.', o templo está coberto tanto externa quanto internamente, e todos os II.'. das duas col.'. são maçons.

O Ven.'. dá um golpe e diz: *A ordem, meus II.'..* — I.'. 1.º Vig.', qual é o segundo dever dos Vig.'.?

R. É assegurar-se de que todos os II.'. estão à ordem.

P. *E eles estão?*

O I.'. 2.º Vig.'. diz ao 1.º Vig.'. Todos os II.'. de minha col.'. estão em ordem.

O 1.º Vig.'. I.'. Ven.', todos os II.'. de ambas as colunas estão em ordem.

O Ven.'. I.'. 1.º Vig.'. *A que horas se supõe que os maçons abrem seus trabalhos?*

R. Ao meio-dia, Venerável. — P. *Que horas são, I.'. 2.º Vig.'?* — R. É meio-dia, Vener.'..

O Venerável: Já que é a hora em que devemos abrir nossos trabalhos, II.'. 1.º e 2.º VV.', convidai os II.'. de vossas colunas a se juntarem a mim, para abrir os trabalhos da Resp.'. Loja N..., a oriente de ..., no grau de aprendiz, rito N...

O 1.º Vig.'. I.'. 2.º Vig.', II.'. que adornais a coluna do meio-dia, o Venerável convida-nos a juntar-nos a ele para abrir os trabalhos, etc." — O 2.º Vig.'. leva esse anúncio até sua coluna. e informa a respeito o 1.º Vig.'. dizendo: I.'. 1.º Vig.'. o anúncio chegou até minha col.'. — Este diz: Vener.', o anúncio foi feito nas duas col.'..

O Venerável dá, no altar, os três golpes misteriosos, que são repetidos pelos vigilantes, e diz:

A mim, meus irmãos (todos olham para ele)!... *pelo sinal...*, *pela bateria e a aclamação...* (A bateria é de apenas três golpes, que não devem ser tríplices, como é costume em muitas Lojas.)

O Vener.^{te}.: *Meus II.*, os trabalhos estão abertos, assumi vossos lugares." — Os Vig.^{te}. repetem essas palavras. — Todos se sentam.

O Vener.^{te}.: I.^{te}. Secret.^{te}., quereis ler-nos a prancha traçada em nossa última assembléia?

II.^{te}. 1.^o e 2.^o Vig.^{te}., convidai vossos II.^{te}. a prestarem atenção a essa leitura.

Feito o anúncio, o Ven.^{te}. diz: I.^{te}. secretário, tendes a palavra. — Terminada a leitura, o Ven.^{te}. diz: II.^{te}. 1.^o e 2.^o Vig.^{te}., tende a bondade de informar vossos II.^{te}. de que, se eles quiserem fazer observações sobre a redação da ata cuja leitura acabam de ouvir, ser-lhes-á dada a palavra.

Os Vig.^{te}. fazem o anúncio. — (As observações só podem se referir ao modo como a prancha foi redigida; não se pode mudar nada do que foi irrevogavelmente decidido na última assembléia.)

Se algum I.^{te}. tem observações a fazer, ele se levanta, pede a palavra e, depois de tê-la conseguido, deduz suas observações, que são discutidas, levando-se em conta suas razões.

Caso não haja observações a fazer, o 2.^o Vig.^{te}. diz: I.^{te}. 1.^o Vig.^{te}.. não há nenhuma observação em minha col.^{te}..

O 1.^o Vig.^{te}.: Ven.^{te}., nenhum I.^{te}. das duas col.^{te}. pede a palavra.

O Ven.^{te}.: I.^{te}. Orad.^{te}., tende a bondade de dar vossas conclusões. — O Orad.^{te}.: Concluo pela aprovação da ata.

O Ven.^{te}.: *Meus II.*, não tendo sido feita nenhuma observação sobre a redação da ata, demos-lhe nosso assentimento. Cada um, a exemplo do Ven.^{te}., estenda o braço direito e deixe cair a mão sobre a coxa.

O Ven.^{te}.: I.^{te}. M.^{te}. de Cerim.^{te}., tende a bondade de ir até o adro e saber se há II.^{te}. Visitantes. — Esse oficial obedece e vem dar conta de sua missão entre os dois vig.^{te}.. Se houver

visitantes ou deputações de lojas, o Ven.'. encarrega o I.'. 1.º experto de ir reconhecê-los, e convida um M.'. de Cerim.'. adjunto a ir fazer-lhes companhia.

Tendo o I.'. experto prestado conta da regularidade dos II.'. visitantes, o Ven.'. ordena sua introdução, com as honras devidas a seus graus e dignidades (de acordo com os art. 262, 63 e 64 dos estat.').

O I.'. cobridor informa o M.'. de Cerim.'. Adj.'. que ele pode introduzir os II.'. visitantes.

O M.'. de Cerim.'. Adj.'. bate à porta do templo. Os Vig.'. o anunciam.

O Ven.'.: I.'. 2.º Vig.', mandai ver quem bate como maçom.

R. São os II.'. visitantes que pedem para entrar no templo.

O Ven.'.: Demos-lhes entrada no templo: De pé e à ordem, meus II.', espada na mão. (Se os visitantes são de graus e dignidades elevados, alguns II.'. armados de estrelas irão a seu encontro e o cortejo avançará, ao ruído dos malhetes, sob a abóbada de aço.)

O Ven.'. cumprimenta os II.'. visitantes, agradece-lhes a presença e manda aplaudir para dar-lhes as boas-vindas.

Tendo os II.'. visitantes respondido, a oficina, à ordem do Ven.', cobre suas baterias. (Se o visitante pertence a um alto grau na hierarquia da ordem, seus agradecimentos não são cobertos por respeito às funções que ele exerce.)

O Ven.'.: I.'. M.'. de Cerim.', conduzi os M.'. Q.'. II.'. visitantes aos lugares a que têm direito.

O Ven.'. informa a assembléia sobre a finalidade da convocação: a recepção de um Prof.'. admitido, por escrutínio, na última assembléia. Ele reclama muita atenção e silêncio, considerando ser a iniciação um dos atos mais sérios da maçonaria, pois se trata de conduzir um homem virtuoso ao caminho da verdade.

O Ven.º: Meus II.ºs, por dois escrutínios unânimes, admitistes o Prof.º N.º... para se apresentar a fim de ser admitido a nossos mistérios; se não há oposição, peço-vos que testemunheis o vosso assentimento do modo costumeiro; II.º 1.º e 2.º Vig.º, tende a bondade de levar esta notícia a vossas col.ºs...

Os Vig.ºs executam a ordem e anunciam que não se faz nenhuma oposição.

O I.º orador, a convite do Ven.º, comunica suas conclusões em favor da admissão.

O Ven.º: Meus II.ºs, já que não há oposição, demos nosso consentimento pelo sinal costumeiro. (Todos os II.ºs estendem a mão direita e deixam-na cair sobre o avental.) — Caso haja alguma oposição, será preciso discuti-la.

O Ven.º: I.º M.º de Cerim.º, tende a bondade de advertir, pelo I.º cobridor ou telhador, o I.º preparador que a loja espera a conta que ele está encarregado de lhe prestar.

Tendo sido advertido o I.º preparador, bate e é introduzido. Presta conta das disposições do aspirante, e entrega ao I.º M.º de Cerim.º, que as leva ao Ven.º, as respostas às três perguntas e o testamento exigido.

O Ven.º: I.º preparador, ide dispor o recipiendário no estado conveniente, e entregai-me sua espada (se ele tiver uma), suas jóias e seus metais.

O I.º preparador sai e volta, entregando ao M.º de Cerim.º, que as entrega ao Ven.º, as jóias, os metais, etc.

Enquanto o Ven.º faz à loja a leitura das respostas e do testamento, que ele acompanha com suas observações, o I.º preparador venda os olhos do recipiendário, fá-lo sair do gabinete de reflexões e o coloca no estado em que ele deve entrar na loja, isto é, com a cabeça descoberta, a metade do corpo em camisa; ele tem o braço e o seio esquerdo descobertos, o joelho direito nu, o pé esquerdo em chinelas. (Se a estação for muito fria, coloca-se um manto sobre seus ombros.)

O Ven.'. : I.'. experto, a vós é que está confiada a importante missão de submeter o recipiendário às provas físicas, de dirigi-lo nas viagens simbólicas e de fazê-lo passar pelos elementos que ele ainda tem de atravessar. Ele deve ser preparado; tende a bondade de ir buscá-lo e apresentá-lo, batendo como Prof.'. O I.'. experto cobre o templo.

O Ven.'. : Meus II.'. , durante a recepção, *abstenhamo-nos de nos designar pelas nossas funções.*

Batem à porta do templo como profano.

O Ven.'. , com voz forte: *Vede quem ousa bater assim.* O 1.º Vig.'. repete essas mesmas palavras ao I.'. 2.º Vig.'. , que as transmite ao 2.º experto. Este entreabre a porta e diz: *Quem sois, o que quereis?*

R. É um profano que pede para ser recebido como maçom. — Essa resposta é dada pelo 2.º experto ao 2.º Vig.'. , que a passa ao 1.º Vig.'. e este ao Ven.'. (cada pergunta e cada resposta devem seguir essa tríplice intermediação).

O Ven.'. : Perguntai-lhe *em que ele baseia sua esperança de ser admitido entre os franco-maçons.*

R. Ele espera ser admitido porque é de bons costumes e goza de um estado livre e honroso. (Como a maçonaria admite homens de todos os países e de todas as religiões, deve-se abster de toda questão religiosa ou política que possa ferir as crenças do recipiendário ou do auditório.)

O Ven.'. : Perguntai-lhe *o nome, os prenomes, a idade e o lugar de nascimento.* (Respondem-lhe.)

O Ven.'. : Perguntai-lhe *a profissão, o endereço atual e se sua intenção é realmente ser recebido como franco-maçom?* (Respondem-lhe.) — O Ven.'. : *Fazei-o entrar.* (Repete três vezes.)

O 2.º experto puxa ruidosamente os trincos e abre de par em par a porta; tendo entrado o Prof.'. , ele torna a fechá-la com ruído. O I.'. 1.º experto, segurando o recipiendário pelas duas

mãos, leva-o até seu lugar e diz ao 2.º Vig.º., que o repete ao 1.º, e este ao Ven.º.: *O profano está entre as duas colunas* (pausa e silêncio).

O Ven.º.: Senhor, as qualidades que exigimos para alguém ser admitido são a maior sinceridade, uma docilidade absoluta, uma constância a toda prova. — Vossas respostas às perguntas que vos farei nos farão julgar a respeito do que devemos pensar a vosso respeito. (*Fazei com que o Prof.º se sente.*)

P. Qual é a vossa intenção, apresentando-vos aqui, e o que inspirou o vosso desejo? Não predominou nisso a curiosidade? — (O Ven.º. espera, a cada pergunta, a resposta do recipiendário, e faz-lhe objeções compatíveis com o gênero de seu espírito e de seu caráter.)

P. Qual a idéia que fazeis da Maçonaria? Respondei com franqueza.

P. Estais pronto a submeter-vos às provas pelas quais deveis passar?

P. Sabeis quais as obrigações que contraireis entre nós?

P. Quem vos apresentou nesta loja?

P. Vós o conheceis como maçom?

P. Ninguém vos preveniu a respeito do que fazem os maçons?

P. Quais as reflexões que fazem nascer em vosso espírito os objetos oferecidos aos vossos olhos no lugar em que fostes fechado?

P. Que pensais do estado em que vos encontrais?

P. Que idéia fazeis de uma sociedade na qual se exige que o candidato seja apresentado num estado que deve parecer-vos estranho?

P. Vossa confiança e iniciativa não são um tanto levianas?

P. Não temeis que estejamos abusando do estado de fraqueza ao qual fostes reduzido? Sem armas, sem defesa, e quase

nu, vós vos entregais ao poder de pessoas que vos são desconhecidas!

P. O exame moral a que vos submeteis não vos causa algum temor?

P. *O que é a ignorância? E por que os ignorantes são teimosos, irascíveis e perigosos?* (Depois da resposta), o Ven.^o acrescenta: A ignorância (em lat. *ignorantia*, feita do *in* privativo e *gnarus*, que sabe) é a falta de conhecimento, de saber. É da ignorância de si mesmo que decorrem todos os vícios. Há três espécies de ignorância: *não saber nada, saber mal o que se sabe, saber outra coisa e não o que se deve saber*. O conhecimento, como a ciência, tem duas extremidades que se tocam: a primeira é a ignorância natural de todo homem que vem ao mundo; a outra extremidade é aquela aonde chegam as grandes almas que, tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, vêem que eles não sabem nada em comparação ao que têm de aprender, e se encontram quase na mesma ignorância da qual haviam partido; mas trata-se de uma ignorância sábia, esclarecida, que se conhece. Os que saíram da ignorância primitiva e não adquiriram, na jornada da vida, senão um verniz de ciências malcompreendidas, prevalecem-se de um falso saber e se fazem de entendidos. A religião desses ignorantes não pode ser a mesma que a dos sábios, que tem como princípio a tolerância, o amor da humanidade e o respeito a si mesmo. Eis por que os ignorantes são teimosos, irascíveis, perigosos; eles perturbam e desmoralizam a sociedade; para rebaixar socialmente o povo, eles o rebaixam intelectualmente e o privam do conhecimento de seus direitos, sabendo muito bem que, mesmo com a mais liberal das constituições, um povo ignorante sempre será escravo. Tais ignorantes, inimigos do progresso, devem portanto, para melhor dominar, rejeitar toda luz, tornar as trevas mais espessas, lutar sem descanso contra a verdade, contra o bem, contra Deus.

P. *Dizei-nos vossa opinião a respeito do fanatismo e da superstição.* (O recipiendário responde.)

O Ven.^o acrescenta: O fanatismo é um culto insensato, um erro sagrado; é uma exaltação religiosa que perverteu a razão e que leva a ações condenáveis com o objetivo de agradar a Deus. Diz-se: *Os furores do fanatismo*; trata-se de uma desordem moral, de uma doença mental que, infelizmente, é contagiosa. O fanatismo, uma vez enraizado num país, toma aí o caráter e a autoridade de um princípio, em nome do qual seus partidários *desesperados* fizeram, em seus execráveis *autos-de-fé*, morrer milhares de inocentes.

Por analogia, dá-se esse nome ao desejo ardente do triunfo de sua opinião, da realização de seus projetos, etc. Na maioria dos *fanatismos*, apenas o seu abuso é perigoso; pois sem eles, o homem nada faz de grande. Mas fujamos e combatamos o *fanatismo religioso*!

A superstição (do lat. *super*, acima, *stare*, ficar: coisa sobrenatural) é um culto errado, um culto malcompreendido, cheio de vãos terrores, contrário à razão e às idéias sadias que se deve ter de Deus. A superstição é a religião dos ignorantes, das almas medrosas e mesmo dos sábios que, por falta de raciocinar, não ousam sacudir o jugo do hábito. A maioria das religiões não passa de superstições geradas pelo medo, podendo levar ao fanatismo; este último pode elevar a alma, enquanto a superstição nada mais faz do que aviltá-la. Ambos são o maior dos inimigos da religião e da felicidade dos povos.

P. *O que é o erro?* (O recipiendário responde.)

O Ven.^o: O erro é uma opinião falsa adotada por ignorância, por falta de exame ou de raciocínio; trata-se de um falso julgamento, de uma falta, de um engano; é um desvio da razão, da verdade, da justiça; é uma perversão do espírito, que toma o falso pelo verdadeiro. Podemos aplicar ao erro o sentido desta máxima: "O homem se cansa do bem, procura o melhor, encontra o mal e nele permanece."⁷ Todos os erros de um juiz são funestos. O erro produz a seita e nunca a verdade.

7. Palavras do príncipe de Ligne, relatadas por M. Montal.

P. *O que são os preconceitos?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: Os preconceitos, como o nome o indica, são julgamentos feitos ou admitidos antes de um exame, ou sem exame; são erros, falsas crenças admitidas sem provas; a prevenção pública é um preconceito; trata-se de um flagelo anti-social, de uma natureza obstinada, que só cede à força da experiência e da razão. Trata-se de um mal cuja fonte é a ignorância e o erro. Combatamo-los sem descanso, esclarecendo a humanidade. Cada vez que um povo ou um indivíduo se livra de um preconceito, ele dá um passo a mais rumo ao progresso.

P. *O que é a mentira?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: Essa palavra deriva do latim *mentis somnium* ou *mentitum somnium*, isto é, sonho do espírito ou sonho mentiroso, de onde esta antiga máxima: "*Todos os sonhos são mentirosos.*" A mentira é, portanto, um fato contrário à verdade e concebido na intenção de enganar. A mentira é um grande engano. O velhaco diz mentiras, o tagarela faz patranhas (*mentiras sem consequência*). Nas mulheres, a mentira é um vício do espírito e do coração. Há erros sagrados que só se sustentam pela mentira. Dizer mentiras é contá-las, não é mentir; fazer mentiras é o fato de um mentiroso. A mentira é a mãe do roubo. — Não existe mau hábito mais difícil de corrigir do que o de mentir. Nunca seria de mais a vigilância dos pais sobre os filhos para preservá-los desse vício horrível. Um sábio disse que o castigo de um mentiroso é não ser acreditado, mesmo quando diz a verdade.

P. *O que são as paixões? Elas são úteis ao homem?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: Uma paixão (do lat. *passus*, que sofreu) é uma afeição permanente, uma inclinação irresistível, um desejo violento causado por uma necessidade da alma, com *sofrimento*, até que seja satisfeito. É também um gosto decidido por uma coisa, uma arte, uma ciência, etc. Todas as paixões são neces-

sárias ao homem, mas é preciso que uma boa educação as dirija para objetivos úteis a ele próprio e à sociedade. Não existe paixão que não possa ser dirigida para o bem social e para contribuir para a felicidade geral. Nada está, portanto, mais fora de lugar do que discursar contra as paixões, e nada é mais impraticável do que o projeto insensato de destruí-las.

A violência das paixões serve-lhes de desculpa. O hipócrita não é tão odioso justamente pelo fato de não se deixar levar, nem se subjugar, pois age friamente e por cálculo. As paixões são as velas do navio da vida humana; elas o empurram ou até o porto ou sobre os escolhos. As grandes paixões só fazem grandes coisas.

Dizer a um homem colérico que não se enfureça é o mesmo que dizer a um que tem febre que não a tenha; não devemos fazer-lhe sermões, mas curá-lo. Não se pode reprimir as paixões alheias quando não se sabe comandar as próprias. Só se triunfa das paixões pelas paixões: a mulher que deixa o amor pela devoção, o jovem que abandona a amante pela glória, nada mais fazem do que mudar de senhor.

Por que, muitas vezes, as paixões são a causa de nossa fraqueza? É que elas geram desejos que estão acima de nossa natureza e nos precipitam acima de nossas forças. O entusiasmo, essa inspiração divina, dá asas às paixões, mas não se mistura a nenhuma paixão vil.

A PAIXÃO DO AMOR, cujos desvios às vezes são tão condenáveis, é necessária à propagação de nossa espécie; ela tem necessidade de ser dirigida de modo a não se tornar nociva a quem a sente nem à pessoa que constitui o seu objeto.

A PAIXÃO DA GLÓRIA, nos campos de batalha, nas ciências e nas artes, é um nobre desejo útil à sociedade, cuja estima ela procura e em cujo seio faz nascer a coragem, a emulação, o sentimento de honra e todos os talentos que contribuem para honrar a humanidade e glorificar uma nação.

A PAIXÃO DAS RIQUEZAS é o desejo de levar uma existência independente e agradável; é sempre louvável, quando os meios são honestos. Essa paixão, bem entendida, é a fonte da economia, da temperança, do estudo, do trabalho, da indústria, das descobertas e da atividade tão necessária à vida social.

A PAIXÃO DO PODER, a chamada AMBIÇÃO, que muitas vezes leva a atos imorais, quando bem dirigida, nada mais é que um sentimento generoso e louvável, que leva o homem de coração, cheio da consciência da própria força, a se tornar digno de mandar e de servir de forma útil a seu Estado.

Em resumo, é necessário que a educação faça nascer nos corações paixões úteis, a fim de que as nocivas não encontrem nele mais lugar.

P. O que são os costumes? (O recipiendário responde.)

O Ven.º: Os costumes são hábitos naturais ou adquiridos, bons ou maus, na maneira de viver e de agir. Os costumes dos povos são seus usos, seus hábitos. É por seus costumes que o homem é livre. Não é pela fortuna, mas pelos costumes que os homens devem ser julgados. A fortuna não muda os costumes: ela desmascara-os. Os costumes são mais fortes do que as leis. Os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes.

P. O que é a moral? (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A moral é a ciência dos costumes, da virtude e do conhecimento dos deveres do homem social. É a lei natural, universal e imutável, que rege todos os seres inteligentes e livres. É a arte de tornar felizes os outros e a si próprio. A melhor moral está no coração.

P. O que é a moralidade? (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A moralidade é a relação das ações, dos princípios e dos costumes num indivíduo. É o tipo distintivo do homem civilizado. As ações dos insensatos carecem de moralidade, porque são feitas sem discernimento moral, sem consciência.

P. *O que é a lei e a lei natural?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A lei (em lat. *lex, legis, de legere, ler: leitura feita ao povo*) é a regulamentação, tendo em vista o interesse geral, da vida física e moral das sociedades, prescrita pelo poder legislativo de um povo. Supõe-se que ela representa o acordo de todas as vontades reunidas numa só; ela fixa os deveres e os direitos de cada um e seu papel em suas relações com seus semelhantes. As leis são o freio mais poderoso para os homens e quase o único freio dos reis. Quantas leis se tornariam inúteis se se fizessem boas leis sobre a educação.

A lei natural é a lei dos mundos físicos, intelectuais e morais. Ela é absoluta, imutável; dirige tudo na terra e nos céus com uma exatidão matemática; é igualmente a reguladora das almas e das inteligências. Constitui a base das leis humanas, de que devem ser a interpretação mais ou menos verdadeira, e sempre em relação com o desenvolvimento e o progresso do espírito humano.

P. *O que é a virtude?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A virtude (em lat. *virtus, de vis, força*), é uma energia da alma aplicada à prática habitual do bem, da justiça ou do dever. É um impulso natural para o que é honesto; é a força de vencer as paixões, a arte de mantê-las em equilíbrio e de se comportar nas grandes alegrias; é o hábito das boas ações e de viver de acordo com a razão aperfeiçoada, que sempre obriga a fazer o bem; é o triunfo da vontade sobre os desejos, o sacrifício de si mesmo e do próprio bem-estar em favor de outrem; é a preferência do interesse geral ao pessoal; é o império da alma sobre o corpo; o amor da ordem, da harmonia, do belo; é a filosofia e a Maçonaria em ação, e é o culto mais excelente que se possa prestar a Deus. — Não pode existir amizade sem virtude. Não pode haver virtudes públicas sem virtudes particulares. O único meio de tornar um povo virtuoso é fazê-lo livre e feliz.

P. *O que é a honra?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A honra é uma virtude que nos leva a fazer ações nobres, corajosas, leais, que nos granjeiam a estima, a consideração, a glória; é o instinto, o sentimento delicado da virtude, o sentimento da necessidade da estima pública e de si próprio. Trata-se de uma regra imposta pelo orgulho, pelo interesse ou a vaidade, pela susceptibilidade, a irascibilidade, etc., que, sob o nome de *ponto de honra*, causam os duelos, proibidos aos maçons. A honra é tudo o que proporciona estima. Honra a quem se sacrifica por sua pátria!

P. *O que é a barbárie?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: A barbárie é o estado de natureza, o estado do homem selvagem, o estado de um povo incivilizado. Remontando à origem das sociedades, vemos primeiro hordas selvagens: a caça, a pesca, uma cabana coberta de galhos de árvore; nenhuma arte, nenhuma ciência; por única lei, o direito do mais forte; o homem lutando contra os animais e contra o próprio homem, esse é o estado selvagem, ou de barbárie, que ainda não desapareceu por inteiro do globo. Ainda hoje existem antropófagos que comem seus prisioneiros e os náufragos que as tempestades lançam em suas praias inóspitas.

Ao estado de selvageria ou de *animalidade* do homem seguiu-se a barbárie, isto é, uma aglomeração de indivíduos sujeitos a convenções servis impostas por um despotismo brutal. Do estado de servidão, essas tribos, tornando-se mais numerosas, passaram a um estado de *civilização*, que terá muitos degraus a galgar antes de chegar ao estado de *perfeição* ao qual o homem tem o direito de aspirar e que nenhum povo da terra possui ainda, porque, aliando-se o mais forte com o mais astuto, ambos explorarão sempre em comum os fracos e os ignorantes, um escravizando os corpos, o outro agrilhoando as almas.

Todo atentado à ordem social é um ato de barbárie. Todo lugar onde não é permitido pensar ou escrever os próprios pensamentos, deve cair na estupidez, na superstição e na barbárie.

Na Antigüidade, os iniciados aos mistérios apoderavam-se do homem bárbaro para civilizá-lo; hoje a Maçonaria toma o homem para aperfeiçoá-lo.

P. *O que é o vício?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: O vício é uma disposição, uma inclinação habitual para o mal, às más ações, e que leva a infringir as leis naturais e sociais. Trata-se de uma paixão que é nociva aos outros e a si próprio. Todo defeito que pode causar prejuízo é um vício: a delicadeza do espírito é uma qualidade; no caráter é um vício. O vício odeia a virtude. Quem tem muitos vícios tem muitos senhores. Todo homem tem, mais ou menos, os vícios de sua profissão. Um vício detestável é confundir no raciocínio as coisas com o seu abuso: a religião com a superstição, a filosofia com o filosofismo, a liberdade com a licenciosidade, a dúvida com a incredulidade. Costuma-se dizer: *A hipocrisia é uma homenagem que o vício presta à virtude.*

Senhor, é para opor um freio salutar aos impulsos impetuosos dessas tendências vis que nós nos reunimos, a fim de trabalhar para acostumar nosso espírito a não conceber senão idéias úteis, de instrução, de beneficência e de virtude. Somente pautando assim nossos costumes pelos princípios eternos da moral sadia é que chegaremos a dar a nossa alma esse justo equilíbrio de força e de sensibilidade que constitui a sabedoria, ou antes, a ciência da vida. Mas esse trabalho é penoso e, no entanto, é a ele que vos deveis dedicar, se persistis no desejo de ser Franco-maçom.

Iremos submetê-lo a provas indispensáveis; eu vos previno, Senhor, que, se no decurso dessas provas, a força e a coragem lhe vierem a faltar, tereis sempre a liberdade de vos retirar; essas provas são misteriosas e emblemáticas; dedicai-lhe toda a atenção de que sois capaz.” (*Pausa e silêncio de alguns minutos.*)

O Ven.º, com voz forte: *Levai-o a fazer a primeira viagem.* — O I.º experto toma o recipiendário pelas duas mãos, dizendo-lhe: *levantai-vos!* — Ele o faz viajar, partindo do

Ocid.'. , passando pela Col.'. do Norte até o O.'. , do O.'. passando pela coluna do Meio-Dia, até o Ocid.'. , onde terminam as viagens.

Essa 1.^a viagem deve ser erizada de dificuldades, deve ser feita lentamente, a passos curtos e irregulares; depois, um pouco mais depressa, dizem-lhe: *abaixai-vos!* como para entrar num subterrâneo; *pulai!* para transpor um poço; *levantai o pé direito!* para subir a um outeiro; *abaixai-vos! outra vez!* etc. O recipiendário é levado de modo a não poder julgar a respeito da natureza do chão que pisa; sobe por uma escada sem fim, passa sobre a balança. Durante esse trajeto, o ruído dos assistentes, a saraivada e o trovão produzem seu efeito, e até mesmo a garrafa de Leyde.

Chegado a seu lugar, o I.'. experto lhe diz: *sentai-vos* — O I.'. experto diz ao 2.^o Vig.'. , que o repete ao 1.^o Vig.'. e este ao Ven.'. : A primeira viagem está terminada.

O Ven.'. : Senhor, podeis explicar essa viagem e me relatar as impressões que ela lhe causou?

Depois de sua resposta, o Ven.'. diz: Essa viagem é o emblema da vida humana: o tumulto das paixões, o choque dos interesses diversos, as dificuldades dos empreendimentos, o embaraço dos negócios, os obstáculos que multiplicam sob nossos passos os concorrentes solícitos em nos prejudicar e sempre dispostos a nos desencorajar; os ódios, as traições, as desgraças que atingem o homem virtuoso, tudo isso é figurado pelo ruído e o barulho que ensurdecaram vossos ouvidos e pela desigualdade e as dificuldades da rota que percorrestes.

Por acaso já experimentastes parte desses males que perturbam a vida profana? Coragem! Senhor: a Maçonaria ensina a suportá-los e proporciona salutareos consolos e reparações.

Senhor, credes num Ser Supremo? (A resposta, comumente, é afirmativa.)⁸

8. Se a resposta for negativa, o Ven.'. poderia dizer:

"O ateísmo não é concebível: ser ateu seria supor *efeitos sem causa*,

O Ven.º: Essa crença honra o vosso coração e vossa razão; ela não constitui apenas a partilha do filósofo e do Franco-maçom; ela o é também do homem selvagem. Se admitimos entre nós o homem honesto de todos os cultos é porque não nos cabe escutar as consciências e porque pensamos que o incenso da virtude é agradável à Divindade, seja qual for a maneira como lhe é oferecido.

A tolerância que professamos não é resultado do ateísmo ou da impiedade, mas apenas da indulgência e da filosofia.

P. *O que é o deísmo?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: O deísmo, ou teísmo, é a crença na existência de Deus, sem revelação nem culto. É a religião da razão, a religião dos grandes espíritos de todos os tempos, de todos os lugares, a religião que será professada por todos os povos da terra quando eles formarem uma só nação e uma única família; é a religião do futuro, destinada a substituir os cultos tão numerosos que desfiguram a Divindade em todos os pontos do globo.⁹

pois é a causa de tudo o que existe que designamos pela palavra DEUS (que é a causa desconhecida dos efeitos conhecidos). Ora, semelhante suposição é absurda e jamais foi admitida por quem quer que seja. Não é possível, portanto, que existam ateus, apesar de Sylvain Maréchal e da opinião de alguns autores que nos obrigam a deplorar esses desvios do espírito humano.

“A única divisão existente entre os homens de boa fé está na questão de saber se a causa de toda existência é espiritual ou *material*, isto é, isolada, independente da matéria, ou inerente à matéria, da qual seria parte integrante. Mas um materialista não é um ateu. Veremos adiante que não existe nada que seja absolutamente imaterial.”

9. “O deísmo é, de todas as religiões, a mais divulgada sobre a Terra: é a religião dominante da China; é a seita dos sábios entre os maometanos, e entre dez filósofos cristãos existem oito que seguem essa opinião. Ela penetrou até nas escolas de teologia, nos claustros e nos conclaves; trata-se de uma espécie de seita sem associação, sem culto, sem cerimônia, sem disputa e sem zelo, espalhada pelo universo sem ter sido pregada. O deísmo encontra-se no meio de todas as religiões, inclusive o Judaísmo. O que há de singular é que um, sendo o cúmulo da superstição, aborrecido pelos povos, desprezado pelos sábios, é tolerado

Fazei-o realizar a segunda viagem. — (Nesta viagem ao redor da sala, o recipiendário não encontra os obstáculos que entravaram sua caminhada na viagem precedente; seus passos são menos lentos e mais largos. O único ruído que ele ouve é causado por alguns rumores surdos e por um ligeiro tinir de espadas, feito a pequenos intervalos junto de seus ouvidos. Voltando a seu lugar, ele se senta; o experto mergulha, por três vezes, o punho esquerdo do candidato num vaso com água.) Depois o experto anuncia ao segundo vigilante que a segunda viagem está terminada.

Chegando esse anúncio a O. ., o Venerável diz ao recipiendário:

P. Que reflexão fez nascer em vós essa segunda viagem?
(Ele responde.)

O Ven. .: Deveis ter encontrado nessa viagem menos dificuldades e embaraços do que na primeira. Quisemos tornar insensíveis a vosso espírito o efeito da constância para seguir o caminho da virtude; essa perseverança no bem acaba por reduzir ao silêncio os clamores da inveja, cujo fraco ruído mal ouvistes. O tinido de armas representa os combates que o homem virtuoso é obrigado a travar continuamente para frear suas paixões e triunfar dos ataques do vício.

Recebestes uma tríplice ablução para purificar vosso corpo, como a virtude deve purificar vossa alma. Essa purificação pela água data da origem dos tempos; esse costume baseava-se na seguinte opinião, outrora ensinada nos próprios mistérios pelos sacerdotes egípcios, de que já nascemos culpados; que esta vida é destinada a expiar as faltas cometidas numa vida anterior, e que não podemos aspirar a uma vida feliz enquanto ela continuar

em toda parte, enquanto o outro, sendo o oposto da superstição, desconhecido pelo povos e aceito apenas pelos filósofos, só é exercido publicamente na China. Não existe país na Europa onde haja mais deístas do que na Inglaterra. Jamais se viram deístas, ou teístas, que tenham participado de intrigas em algum Estado.”

maculada por uma mancha original. A razão e a filosofia fizeram justiça a essa opinião, que foi um dos erros da metempsicose entre povos antigos (o renascimento em corpos animais.)

Senhor, vamos retomar vossas respostas às três perguntas que vos foram feitas e que tenho sob os olhos.

P. *O que é que o homem deve a Deus?* (O recipiendário responde.)

O Ven. .: Os termos dessa pergunta parecem claros; mas, quando a examinamos com precisão, percebemos a sua dificuldade.

Como definir esse amor a Deus? Se procurarmos sozinhos pela resposta, correremos o risco de não entrar em acordo com a idéia de ninguém, fazendo para nós próprios um código ideal, inaplicável na sociedade, com a qual, contudo, precisamos procurar nos manter numa certa harmonia.

O dever do homem para com Deus variará de acordo com as pessoas: será doce ou rígido, de temor ou de amor,¹⁰ de filho ou de escravo. O culto será alegre ou triste, cruel ou humano, de reconhecimento ou de expiação; será todo exterior e sobre-carregado de cerimônias, ou então todo interior e de sentimento, de acordo com a idéia que se fizer do Grande Ser a quem se presta culto.

Admiremos aqui a alta sabedoria e prudência daqueles que conceberam o plano da Franco-maçonaria. Eles conhecem todas as variedades de opiniões e de doutrinas; eles se autodenominaram *Franco-maçons* e afirmaram que *construíam moralmente um templo à Verdade e à Virtude*. Àquele pelo qual tudo existe, eles chamaram de o GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO. Com efeito, considerando o universo como seu templo, existe arqui-

10. O amor de Deus é o primeiro dos preceitos da Igreja, e deve vir antes do amor do próximo; trata-se da base de toda religião. Por que, então, quando se quer expressar uma coisa malfeita ou uma ação feita com desinteresse, se diz que ela é feita *como que pelo amor de Deus*?

tetura mais bela? A *sabedoria* e a *força* sustentam o edifício, ao mesmo tempo em que a ordem e a harmonia constituem seu ornamento e *beleza*.

Deste modo, apresentando uma fórmula geral, que só tem de **POSITIVO** o ponto por todos admitido e que o será sempre, a Maçonaria deixa a cada um, como um domínio inviolável e sagrado, todos os artigos que ele poderá acrescentar para completar sua própria crença. Se esta concepção é impotente para operar a paz entre os homens, quem poderá jamais consegui-la?"¹¹

P. Passemos à segunda pergunta: *O que é que o homem deve a si próprio?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: "As palavras desta pergunta não exprimem o que se quis dizer: O que é que o homem deve a si próprio? NADA: resposta justa, porque um indivíduo não pode ser ao mesmo tempo seu devedor e seu credor. Mas, dir-se-á, o homem deve a si mesmo o provimento de sua conservação. Nesse caso, os animais e as plantas devem também algo a si mesmos, já que provêem à própria conservação. Portanto, não é isso o que o homem deve a si próprio. O que ele deve a si próprio é não desonrar o seu ser, e guiar-se pela honra, a verdade, a instrução e o estudo; acrescentemos que, por si mesmo, ele jamais deve dizer ou fazer nada de imprudente ou que seja ditado pela paixão."¹²

11 A Maçonaria não é uma religião, como se costuma pensar. Anterior às religiões, ela é o princípio de toda religião, porque ensina a unidade de Deus, sob o título de G.º. A.º. do U.º., e vai mais longe ainda: deixa-se ao iniciado a escolha do culto que ele achar conveniente prestar a esse Ser supremo.

12. "Em todas as posições, disse Confúcio, o homem deve respeitar os demais e respeitar-se a si próprio. Se ele falta a si próprio, falta a seus ancestrais, falta a seu primeiro ancestral, ao homem *santo*, de quem se originou a raça humana; se ele falta a esse homem santo, ele falta a Deus, que criou esse primeiro homem; os outros são as árvores genea-

P. *O que é que o homem deve a seus semelhantes?* (O recipiendário responde.)

O Ven.: “Essa pergunta é justa, exata e de grande interesse social: o homem deve a seus semelhantes tudo o que ele acha que seus semelhantes devem a ele; os direitos de um são os deveres do outro. Cada um dirá a si próprio: *O que espero de meu irmão ele espera de mim; quando ele me fala, espero dele franqueza e sinceridade; usarei para com ele de franqueza e de sinceridade.*”

“Essa reciprocidade de direitos e deveres, ou de serviços prestados, é o elo que une toda a sociedade; quebrai-o, e eu continuarei a ver os homens colocados uns ao lado dos outros, mas não vejo mais relações, não vejo mais sociedade.

“Resumamos essas três perguntas, cuja solução está toda nesta grande lei da natureza: o AMOR.

“1.^a pergunta: *Amor de Deus*; 2.^a pergunta: *Amor de si mesmo*; 3.^a pergunta: *Amor do próximo*, que deve ser amado como a si próprio; é por isso que o Franco-maçom é mais homem que um homem qualquer, pois é mais humano. Amar aos homens como a si mesmo é ter humanidade.¹³

Fazei-o realizar a terceira viagem. — (Essa viagem é feita em silêncio e a passos largos. O recipiendário é seguido, até seu lugar, sendo por três vezes envolvido pelas chamas, tomadas as devidas precauções.)

O I.º Exp.º diz: *A terceira viagem está terminada*; esse anúncio chega a O.º pelos 2.º e 1.º vigilantes.

O V.º: “Deveis ter notado que essa viagem foi ainda menos penosa do que a precedente; é a continuação de vossa perseverança em atingir o objetivo aonde desejais chegar. As cha-

lógicas de que os que vivem nada mais são do que os rebentos; ferir um desses rebentos, por menor que ele seja, é ofender a raiz: todos os homens são solidários.”

13. *Extraído do CURSO INTERPRETATIVO e filosófico das iniciações antigas e modernas.*

mas pelas quais passastes são o complemento de vossa purificação. Possa esse fogo material iluminar para sempre em vosso coração o amor de vossos semelhantes; que a caridade presida às vossas palavras e às vossas ações e que não esqueçais jamais este preceito de uma moral sublime, comum a todas as nações: *Fazei a outrem o que gostarieis que vos fizessem a vós, e não façais o que não gostarieis que vos fosse feito.*

“A constância que demonstrastes em vossas viagens dá-nos a esperança de que suportareis da mesma forma as provas a que ainda tereis de vos submeter... *Persistis, Senhor?* (O recipiendário responde.)

O Ven.º: “Senhor, num momento, iremos exigir de vós uma obrigação que nos garanta a vossa discrição a respeito do que está acontecendo convosco neste recinto. Essa obrigação, escrita por vós, deve ser assinada com vosso sangue. *Consentis nisso?* (O recipiendário responde afirmativamente.)

“Tomamos nota de vosso assentimento e apreciamos esse sacrifício que nos prova que, em circunstâncias difíceis, não hesitareis em ir em socorro de vossos II.º, e mesmo em derramar, se necessário, o vosso sangue por eles.

“*Apresentai ao profano o cálice de amarguras.*” (Ele o esvazia.)

O Ven.º: “Senhor, essa bebida, por sua amargura, é o emblema dos desgostos inseparáveis à vida humana. A resignação aos decretos da Providência e as consolações de vossos II.º são os únicos que poderão suavizá-los.

“Senhor, todo profano que se faz receber como maçom deixa de pertencer a si próprio; ele não é mais dele, mas pertence a uma ordem que se espalhou por toda a superfície do globo; e para que a diferença de línguas não impeça um maçom de ser reconhecido como tal, existe, em todas as lojas do universo, um selo marcado com caracteres hieroglíficos só conhecidos pelos verdadeiros maçons. Esse selo, depois de ter sido levado ao vermelho no fogo, ao ser aplicado sobre o corpo,

imprime nele uma marca indelével. Consentis, Senhor, em receber, sobre a parte do corpo que indicareis, essa marca gloriosa, a fim de poder dizer, mostrando-a aos II.: *Eu também sou maçom!* (O *reçipiendário* responde afirmativamente.) Se o Ven. dispensa a seqüência dessa prova, ele diz:

“Senhor, vossa resignação nos basta; ela nos prova que, em todos os tempos e em todas as circunstâncias, honrareis o título de maçom e o tornareis honroso.” (*Caso se faça a prova*), o Ven. diz:

“I. experto, cumpri o vosso ofício.” (O Exp. esfrega com um pano seco a parte do corpo indicada e coloca aí, muito rapidamente, uma pedra de gelo ou um objeto frio.) O Ven. diz a seguir:

“Senhor, essa corajosa resignação nos prova, etc.

“Senhor, uma das virtudes cuja prática nos é mais cara, a que mais nos aproxima do autor de nosso ser, é a beneficência. E o que seria, num Prof., uma qualidade rara, num maçom nada mais é do que o cumprimento de seu dever. — Os metais de que vos despojaram são o emblema dos vícios que todo maçom deve evitar. Sem vos prejudicar, podeis sacrificar em proveito dos pobres que assistimos diariamente o dinheiro e o produto das jóias que lhe pertencem e que me foram entregues? — Tomai cuidado, Senhor: pensai bem que uma sociedade bastante numerosa, neste momento, tem os olhos fixos em vossos passos e que ela está atenta à resposta que ides me dar: solicito um ato de caridade, cuidai para não transformá-lo num ato de ostentação. (Se o *reçipiendário* não tomou uma determinação franca e precisa), o Ven. acrescentaria:

“Esta caridade, que eu vos recomendo, deixaria de ser uma virtude se fosse feita em prejuízo de deveres mais sagrados e urgentes. Compromissos civis a honrar, uma família para sustentar, filhos para educar, parentes pouco favorecidos pela fortuna a ajudar, eis os primeiros deveres que a natureza e a consciência nos impõem; eis os credores de todo homem que norteia

sua conduta pelos princípios da equidade. Que pensaríeis de quem quisesse parecer caridoso antes de atendê-los? — Quis esclarecer-vos a respeito das obrigações comuns a todos os homens, e volto à minha primeira proposta: podeis, sem ferir nenhum desses deveres, sacrificar em proveito dos pobres a quem assistimos diariamente todo ou parte do dinheiro e produto das jóias que vos pertencem e que me foram entregues? — Respondei!” (O recipiendário faz a sua doação e o Ven.º agradece em nome dos pobres.)

É aqui que o Ven.º deve falar-lhe do testamento; felicitá-lo, se ele pensou nos indigentes, ou repreendê-lo severamente, caso os tenha esquecido:

“Senhor, vós vos aproximais do momento em que vamos revelar-vos nossos segredos; mas, antes de comunicá-los, temos o costume de exigir do recipiendário que ele nos confie um segredo que se torne a garantia da discrição com que guardará inviolavelmente os nossos. Convém que esse segredo não vos pertença e seja o de uma pessoa que vo-lo teria confiado. (Caso o recipiendário aceite, o Ven.º repreende-o vivamente, manda cobrir o templo e a loja avisa, mas em geral ele recusa). Então, o Ven.º diz:

“Bem, Senhor, esses sentimentos bastam-nos e provam que não nos enganamos a respeito da opinião que fizemos a seu respeito.

“I.º Exp.º, *trazei o recipiendário até o altar para fazer o juramento. Meus II.º, de pé e à ordem, com a espada na mão!* (Chegando à frente do altar, põe-lhe na mão esquerda um compasso aberto com uma das pontas voltada para o seio esquerdo; sua mão direita pousa sobre a espada da ordem; ele pousa o joelho esquerdo sobre um dos degraus, a perna direita em esquadro).

“O Ven.º: “Senhor, o compromisso que ireis tomar nada contém que possa ferir o respeito que devemos às religiões e aos bons costumes, nem a obediência devida às leis. Esse juramento

é sério; é preciso que o presteis em inteira liberdade; estais de acordo? (Resposta afirmativa.)

O Ven.º: Lerei, agora, a fórmula do juramento; em seguida, direis: *Eu o juro!*

JURAMENTO. "Juro e prometo, diante do G.º A.º do U.º, e sobre esta espada, símbolo da honra, conservar inviolavelmente todos os segredos que me serão confiados por esta Resp.ª Loja, assim como tudo o que eu vir ou ouvir aqui; juro jamais escrever a respeito, a não ser que eu receba a permissão expressa para fazê-lo e do modo que me poderá ser indicado. Prometo amar meus II.º e socorrê-los de acordo com minhas faculdades. Prometo, além do mais, conformar-me com os estatutos gerais e com o regulamento desta R.ª Loja. E declaro preferir ter a garganta cortada a revelar os segredos da ordem. Que o G.º A.º me ajude!"

O recipiendário estende o braço direito e diz: *Juro!*

O Ven.º: Conduzi o Senhor entre as duas col.ªs.

"Senhor, o juramento que acabais de confirmar não lhe causa nenhuma inquietação?" (O recipiendário responde.)

"Senti-vos com força bastante para observá-lo?" (O recipiendário responde.)

"Consentis em reiterá-lo quando tiverdes recebido a luz?" (Ele responde.)

"*Que pedis?*" Ele responde (*murmurado a seus ouvidos pelo 2.º Vig.º*): A luz.

O Ven.º: *Ela vos será dada; vós todos, meus I.ºs, cumpri vosso dever.*

(Os II.º estão de pé, armados de espadas cujas pontas são dirigidas para o recipiendário. O Ven.º dá três golpes, devagar; ao 3.º golpe, o 2.º Vig.º deixa cair a venda. Imediatamente o experto projeta diante dele uma grande chama, a uma distância inofensiva. Depois de um instante de silêncio, que dá ao novo recebido o tempo de se reconhecer), o Ven.º diz:

“Senhor, as espadas que estão voltadas em vossa direção anunciam-vos que todos os maçons voarão em vosso socorro nas circunstâncias difíceis em que podeis vos encontrar, se respeitardes e observardes escrupulosamente nossas leis. — Eles vos anunciam, ao mesmo tempo, que não encontrareis entre nós senão vingadores da Maçonaria e da virtude, e que estaremos sempre prontos a castigar o perjúrio, se vos tornardes culpado dele.

“I.º. Experto, *fazei com que o recipiendário se aproxime.*”
(Ele toma o lugar que antes ocupava para reiterar o juramento. Os II.º. continuam de pé e à ordem, com a espada na mão.)

O Ven.º. faz uma 2.ª leitura do juramento, depois da qual o recipiendário diz: *Eu o juro!* — O Ven.º. dá três pequenos golpes na cabeça do compasso, dizendo:

“Aprendeis, pela justiça do compasso, a dirigir todos os vossos movimentos para o bem.”

O Ven.º. pousa a lâmina da espada sobre a cabeça do recipiendário e pronuncia esta fórmula:

“Para a glória do G.º. A.º. do U.º., em nome e sob os auspícios do G.º. O.º. da França, em virtude dos poderes que me foram conferidos, eu vos crio (*ele bate três vezes sobre a espada*) e constituo aprendiz franco-maçom, membro ativo da Resp.º. Loja N.º., a Oriente de N.º. — *Levantai-vos.*” — O Ven.º. lhe dá o triplice beijo de paz e de união e diz: “Meu irmão, pois é assim que nós o chamaremos de hoje em diante (*ele o cinge com o avental, com a abeta levantada*), recebi este avental que todos nós usamos e que os maiores homens se deram a honra de usar; ele é o emblema do trabalho; ele vos lembrará que um maçom deve ter sempre uma vida ativa e laboriosa. Esse avental, que é o nosso *hábito maçônico*, vos dá o direito de sentar entre nós, e jamais vos deveis apresentar neste templo sem estar revestido dele, com a abeta levantada.” O Ven.º. entrega-lhe dois pares de luvas, dizendo-lhe:

"Recebei estas luvas; sua brancura ensina-vos que a candura reina no coração dos maçons e que vossas ações sempre devem ser puras. — Não admitimos mulheres em nossos mistérios; mas, prestando uma homenagem à sua virtude, gostamos de avivar sua lembrança. Eis as luvas que dareis à mulher que mais estimais.

"Meu irmão, para nos reconhecer, temos palavras, sinais e um toque.

"A palavra que chamamos de *sagrada*, ou a *palavra*, é J . . . e quer dizer: *estabilidade, firmeza*. — Vereis sua primeira letra nessa col., que é a do Norte. Quando vos perguntarem essa palavra, respondereis: *Não devo nem ler nem escrever; só posso soletrá-la; disse-me a primeira letra que vos direi a segunda*.

"A PALAVRA DE PASSE é T . . . , é um dos filhos de Lameth, ao qual se atribui a arte de trabalhar os metais. Logo conheceis seu verdadeiro significado.

"Temos ainda a *palavra de ordem* ou *de semestre*, que o G. . O. . renova a cada seis meses. A palavra atual é . . . , deveis dizê-la todas as vezes que fordes visitar uma loja regular. O costume que adquirireis entre nós tornará todas essas coisas familiares. Ensinar-vos-ão que fazemos tudo em esquadro, e que, entre nós, o número Três é um número misterioso.

"Na loja, a ORDEM é ficar de pé e levar a mão direita aberta sobre a garganta, com os quatro dedos serrados e o polegar afastado, em forma de esquadro.

"O chamado SINAL *gutural* consiste em se colocar à ordem, em retirar a mão horizontalmente e deixá-la cair perpendicularmente.

"O TOQUE é feito tomando mutuamente os quatro dedos da mão direita, colocando-se o polegar sobre a 1.^a falange do índice e, mediante um movimento invisível, dá-se os três golpes do aprendiz.

BATERIA. Três golpes; os dois primeiros, precipitados; o último, separado OO O.

Para a MARCHA, colocar-se à ordem, o corpo ligeiramente retraído, levar à frente o pé direito, aproximar de través o pé esquerdo, calcanhar contra calcanhar, de modo a formar o esquadro. Repetir esse passo três vezes e fazer o sinal à guisa de saudação. "Meu I.°, como aprendiz, vossa idade maçônica é de TRÊS ANOS."

O Ven.° dá ao neófito o abraço fraternal e diz:

"I.° M.° de Cerim.°: *Conduzi o I.° ao Ocidente para que ele se faça reconhecer pelos II.° 1.° e 2.° Vig.°, dando-lhes as palavras, sinal e toque que eu acabo de lhe comunicar e que ele aprenda a trabalhar sobre a pedra bruta. Ensinai-lhe a marcha para entrar na loja quando os trabalhos estão abertos.* (O I.° M.° de Cerim.° executa essa ordem e, chegados à Col.° do norte, o 2.° Vig.° faz o neófito dar três golpes misteriosos sobre a pedra bruta; depois o M.° de Cerim.° o coloca entre as duas Col.°, onde ele fica de pé e à ordem.)

"O 2.° Vig.°: *I.° 1.° Vig.°, as palavras, sinal e toque estão corretos, o neófito caminhou como maçom e trabalhou sobre a pedra bruta.* O 1.° Vig.° transmite esse anúncio ao Ven.°, acrescentando: *O neófito está entre as duas Col.°.* — O Ven.° dá um golpe que o Ocidente repete, e diz: *De pé e à ordem, meus II.°!*

II.° 1.° e 2.° Vig.°, convidai os II.° que adornam vossas Col.° a reconhecerem no futuro o I.° N... como aprendiz franco-maçom, membro ativo desta R.° Oficina, e a se juntarem a vós e a mim para aplaudir a sua iniciação.

O Ven.°, informado de que o anúncio foi feito, diz: "*Comigo, meus II.°, aplaudamos pelo sinal... pela bateria.*

O I.° M.° de Cerim.° pede a palavra em nome do neófito; ele lhe ensina a agradecer e se junta a ele.

O Ven.° faz cobrir os aplausos e diz: *Em vossos lugares, meus II.°.* — "I.° M.° de Cerim.°, conduzi o I.° N... até a frente da Col.° do Norte. — M.° Q.° I.° N..., esse é o lugar que ocupareis no grau que acaba de vos ser conferido.

Merecei, com vossa assiduidade a nossos trabalhos e pela prática das virtudes Maçon.°, penetrar mais a fundo em nossos mistérios e ser admitido aos favores que a loja não recusa jamais aos II.° que sabem tornar-se dignos dela." I.° M.° de Cerim.°, *entregai de volta ao I.° suas roupas e ajudai-o a vestir-se...*

"Entregai-lhe também suas jóias e metais." Meu I.°, a tomada desses objetos nada mais é que uma prova para ensinar-vos que é preciso ser puro e desprendido de toda paixão antes de ser introduzido entre nós. Quando o tronco de beneficência circular, depositai nele vossa oferta aos infelizes.

"Eu vos convido a prestar atenção ao discurso que será lido pelo I.° orador, que o quis escrever para a vossa recepção."

"I.° orador, tendes a palavra. (Terminada a leitura, o Ven.° agradece e faz com que aplaudam.)"

"I.° N. . . , passaremos à instrução do grau; ela vos parecerá tanto mais importante porque nela encontrareis a explicação do que vistes e ouvistes e cujo sentido emblemático e instrutivo não pudestes então captar.

INSTRUÇÃO

P. I.° 1.º Vig.°, *sois maçom?*

R. Meus II.° me reconhecem como tal.

P. *O que é um maçom?*

R. É um homem livre e de bons costumes, amigo tanto do rico como do pobre, se eles são virtuosos.

P. *Que é a Franco-maçonaria?*

R. É uma sociedade íntima de homens de escol, cuja doutrina tem por base o G.° A.° do U.°, que é Deus; por regra, a lei natural; por causa, a verdade, a liberdade, a luz moral; por princípio, a igualdade, a fraternidade, a beneficência; por fruto, a virtude, a sociabilidade, o progresso; e por finalidade, a

felicidade dos povos que ela tende a reunir sob uma só bandeira; ela tem seu centro e seu império em todo lugar onde estiver o gênero humano.

P. Quais são os deveres de um maçom?

R. Nós honramos e veneramos o G.°. A.°. dos mundos; nós lhe somos gratos, mediante boas ações para com o próximo, pelos benefícios de que ele nos cumula. Olhamos todos os homens, sem distinção de classes ou de cor, como nossos iguais e nossos II.°.; combatemos a ambição, o orgulho, o erro e os preconceitos. Lutamos contra a ignorância, a mentira, o fanatismo e a superstição; esses quatro flagelos são a causa de todos os males que afligem a humanidade e retardam o seu progresso. Recomendamos a justiça recíproca, verdadeira salvaguarda dos direitos e dos interesses de todos; a tolerância, que deixa cada um livre com sua crença e seu pensamento. Lamentamos quem está perdido e nos esforçamos para trazê-lo de volta ao verdadeiro caminho; enfim, com todo o nosso poder, vamos em socorro do infortúnio e da aflição. Realizamos todas essas coisas, pois temos a fé, que dá a coragem e conduz o progresso; a perseverança, que acaba derrubando os obstáculos; o devotamento, que leva a fazer o bem, mesmo com risco próprio, sem esperar outra recompensa que a do testemunho da consciência.

P. Por que sinais eu reconheceria que sois maçom?

R. Pelo meu sinal, pelas minhas palavras e pelo meu toque.

P. Como se faz o sinal?

R. Por esquadro, nível e perpendicular (*faz-se o sinal*).

P. Qual o significado desse sinal?

R. Que eu preferiria ter a garganta cortada a revelar nossos mistérios.

P. I.°. experto, dê o toque ao I.°. 1.º Vig.°..

R. Está correto, M.°. V.°..

P. Dê-me a palavra sagrada.

R. Não devo ler, nem escrever, só posso soletrar: digitei-me a primeira letra que eu vos direi a segunda. (*Soletra-se a palavra.*)

P. *Qual é o seu sentido?*¹⁴

R. *Estabilidade, firmeza.* Nós a parafraseamos por: *minha força está em Deus.*

P. *Dai-me a palavra de passe.*

R. T. (a palavra é dita por inteiro.)

P. *Qual é o seu sentido e por que a escolha desse nome?*

R. A Maçonaria venera o número três, porque o triângulo, símbolo da Divindade, representa os três reinos da natureza, cujo estudo deve ser feito pelo maçom. O 1.º reino (*o mineral*) pertence a esse grau; escolheu-se, portanto, T., filho de Lameth, como inventor da arte de trabalhar os metais, e ainda porque esse nome, que significa *possessio orbis*, quer dizer que a influência maçônica exerce seu império sobre todos os povos do globo.¹⁵

14. Embora se deva escrever *Jachin* e pronunciar o *ch* como o *k*, prevaleceu a ortografia *Jakin*, sem dúvida para evitar qualquer ambigüidade na pronúncia. Trata-se de uma das Col.ª do templo de Salomão (*Paralip.*, liv. II, cap. III, versículo 17; *Reis*, liv. III, cap. VII, versículo 11.)

Jachin é também o nome do terceiro filho de Simeão, filho de Jacó. Ele foi o pai dos jachinitas (*jakinitas*), que formaram a vigésima primeira das vinte e quatro famílias sacerdotais dos judeus. (*Gênese*, cap. XLVI, versículo 10; *Núm.* cap. XXVI, versículo 1.º.)

15. "Por causa desses dois significados, essa palavra de passe, engenhosamente encontrada, tornou-se parte integrante do dogma, e ninguém tem o direito de rejeitá-la. O Apr.ª. Escoc.ª. não tem palavra de passe porque no Egito o iniciado ao 1.º grau ficava, durante três anos, sem se comunicar com o mundo profano e, se saísse, não poderia voltar. Pelo contrário, o iniciado do 2.º grau tinha uma palavra de passe porque, em certos dias da semana, tinha permissão para sair. Mas esse tempo passou e nossos adeptos ou Apr.ª. Maç.ª., vivendo no mundo, visitando as Lojas e só assistindo aos Mist.ª. Maçon.ª. em certos dias do

P. *Por que vos fizestes receber como maçom?*

R. Porque eu estava nas trevas e desejei ver a luz.

P. *Quem vos apresentou à Loja?*

R. Um amigo virtuoso, que eu logo reconheci como irmão.

P. *Em que estado vós vos apresentastes?*

R. Nem nu, nem vestido, despojado de todos os metais, emblemas de vícios, para me recordar do estado primitivo da humanidade antes da época de sua civilização.

P. *Onde fostes recebido?*

R. Numa loja justa e perfeita.

P. *O que é preciso para que uma loja seja justa e perfeita?*

R. Que três a governem, que cinco a componham e que sete a tornem justa e perfeita.

P. *Como fostes introduzido?*

R. Por três golpes que significam: *pedi*, e recebereis; *procurai*, e achareis; *batei*, e abrir-se-vos-á.

P. *O que esses golpes provocaram em vós?*

R. Um experto que me perguntou meu nome, prenomes, idade, nação e se era minha vontade ser recebido como maçom.

P. *O que fez de vós o I.º. experto?*

R. Ele me introduziu entre os dois Vig.º., me fez viajar para me lembrar as dificuldades e as atribulações da vida; purificou-me pelos elementos e, depois de ter respondido a todas as perguntas do Ven.º., fui levado para junto do altar. Eu estava com o joelho direito nu sobre o esquadro, a mão direita sobre o gládio da ordem; com a esquerda eu segurava um compasso aberto em esquadro, cuja ponta se apoiava sobre o meu seio

mês, devem ter uma palavra de passe que o rito francês houve por bem conceder-lhes. (Os novos rituais, elaborados em 1858, suprimiram-na erradamente; mas sentimos a necessidade de reintegrá-la.)

esquerdo, que estava desnudo e, nessa posição, jurei guardar os segredos da ordem.

P. *O que vistes ao entrar na loja?*

R. Nada, Ven.'. : uma grossa venda cobria-me os olhos.

P. *O que vistes quando vos foi revelada a Luz?*

R. Eu me vi a Ocidente sobre o piso mosaico, entre duas Col.'. encimadas pelos frutos da romãzeira; o local iluminado por três chamas, é um quadrado oblongo, cuja abóbada azulada é semeada de estrelas; a O.'. , sobre um estrado de três degraus terminado em semicírculo, está sentado o Venerável, ornado com seu escudo; acima de sua cabeça, um dossel de tecido azul com franjas de ouro; e na frente dele, uma mesa sobre a qual está colocada a espada flamejante; junto das Col.'. , os dois Vig.'. , ornados com suas jóias; sobre a mesa do 2.º Vig.'. , a pedra bruta; nos lados da sala, muitos II.'. e, nas paredes, troféus guerreiros de mistura com emblemas das artes, ciência, agricultura e arquitetura.

P. *Podeis dar-nos a explicação de alguns emblemas mais ligados à vossa pessoa, e a interpretação de tudo o que acabastes de mencionar?*

R. *A venda nos olhos* é uma imagem sensível das trevas e dos preconceitos do século, assim como da necessidade que tinham todos os homens de procurar a luz entre os iniciados.

O pé direito calçado num chinelo é um sinal de respeito: "Tira tuas sandálias, diz a Moisés uma voz terrível, que o lugar em que estás entrando é santo." *O braço e o seio esquerdo descobertos* significam que ele devota seus braços à instituição e seu coração a seus II.'. . *A ponta do compasso pousada em vosso peito nu*, sede da consciência, deve lembrar-vos a vida passada, durante a qual vossa vista e vosso caminhar talvez não tenham sido sempre orientados de acordo com o *símbolo da exatidão*, que de agora em diante deve orientar vossos pensamentos e ações. *O compasso* é ainda o símbolo das relações do maçom com seus II.'. e os outros homens: uma de suas hastes,

sendo fixa, forma um ponto central, a cujo redor, de acordo com seu afastamento, a outra haste pode descrever inúmeros *círculos*, imagens de nossas lojas e da Maçonaria, cuja extensão pode ser indefinida. *Um sinal* é o invólucro de um pensamento cujo sentido, para o iniciado, é sempre importante. Os *dois golpes precipitados* da bateria marcam o zelo do maçom; o *golpe mais lento*, sua perseverança no bem. Os *três passos* formam, cada um, um ângulo reto a cada junção dos pés, para significar que a retidão é necessária a quem quer ter acesso à ciência, à virtude. As *três viagens* simbolizam as viagens que os antigos filósofos, fundadores de mistérios, faziam para adquirir novos conhecimentos. Seu número, três, indica os lugares onde as ciências foram cultivadas primitivamente; os sábios de todos os países iam até eles para estudá-las. Esses lugares eram a Pérsia, a Fenícia e o Egito. As *purificações* que acompanham essas viagens lembram que o homem nunca é suficientemente puro para chegar ao templo da filosofia. Epicteto disse: "*Pensa em manter puro o teu vaso antes de derramar nele alguma coisa.*" A idade do aprendiz é de três anos porque, na Antigüidade, o aspirante não era admitido senão depois de decorrido esse lapso de tempo. Questionar um I.º a respeito de sua idade maçônica é perguntar-lhe qual é o seu grau. A *pedra bruta* é o emblema do aprendiz porque, ao sair da pedreira, ela representa o estado imperfeito de nossa natureza. As *duas Col.* supõe-se que tenham 18 côvados de altura, 12 de circunferência, 12 de base, e seus capitéis, 5 côvados; total, 47, número semelhante ao das constelações e dos signos do zodíaco, isto é, do *mundo celeste*. Suas dimensões são contrárias a todas as regras da arquitetura, para advertir-nos de que a sabedoria e a força do divino Arquiteto estão acima das dimensões e do julgamento dos homens. Elas são de *bronze* para resistir ao *dilúvio*, isto é, à barbárie; o bronze é aqui o emblema da eterna estabilidade das leis da natureza, base da doutrina maçônica. Elas são *ocas* para guardar nossos *instrumentos*, que são os conhecimentos humanos; enfim, é junto delas que pagamos os operários e os enviamos,

contentes, para a comunicação das ciências. Deve-se notar que nossas duas Col.ª. figuram sob o nome de *torres* no alto da fachada externa dos templos cristãos. O *fruto da romãzeira* é um símbolo equivalente ao do feixe de Esopo: um milheiro de pevides dentro do mesmo fruto, um mesmo germe, uma mesma substância, um mesmo asilo, imagem do povo maçom que, por mais que se multiplique, não forma mais do que uma única e mesma família. É assim que o fruto da romãzeira transforma-se no emblema da harmonia social.¹⁶ o *piso mosaico*, emblema da variedade do solo terrestre, formado de pedras *brancas e pretas* unidas por um mesmo cimento, simboliza a união de todos os maçons do globo, apesar da diferença das cores, dos climas e das opiniões políticas e religiosas; elas são uma imagem do bem e do mal, de que o caminho da vida está semeado. A loja é um *quadrado oblongo*; já que seu nome significa *o mundo*, ela deveria ser redonda ou, (*loka*, em sânscrito) pelo menos, oval, como a órbita que o nosso planeta percorre anualmente ao redor do sol. Esse erro data dos antigos iniciados que, não suspeitando da existência dos antípodas, deram à terra essa forma, de onde as estranhas expressões *longitude*, *latitude*, sempre usadas pelos geógrafos, tão vivo e persistente é o erro. A abóbada do templo é azulada e cheia de estrelas como o céu, porque, como ele, abriga todos os homens, sem distinção de classe social ou de cor. O templo é orientado; supõe-se que se entre nele pelo ocidente; a

16. O sacerdote e historiador Josefo diz que à entrada do templo de Jerusalém construíram-se duas Col.ª., à imitação das que os sírios consagravam ao *fogo* e aos *ventos* em seu templo. Os nomes *Bos* e *Jao-Kin* que lhes dá Josefo são os atributos de sua divindade; o *touro* e a *serpente*, geradores do *fogo* e do *ar*, que se geram alternativamente. Imagem dos dois termos da ação geradora da natureza, essas colunas, diz ainda Josefo, eram ornadas de *lírios* e de *romãs*; os lírios eram o emblema da energia vegetal da primavera; as romãs exprimiam a abundância dos frutos do outono.

Josefo acrescenta que se *comete* um erro quando se acusa a sua nação de impiedade, porque a decoração do santuário e os ornatos sacerdotais relacionam-se com todas as partes que constituem o universo (o *Grande Todo*).

Luz encontra-se a oriente; ao meio-dia são colocados os mestres; o aprendiz ocupa o norte, a parte do mundo menos iluminada. A palavra *oriente*, que serve para designar o lugar do Ven.°, e dos dignitários da ordem, anuncia o lugar de onde parte a Luz física que nos ilumina; isso prova também que os primeiros cultos foram solares e tinham por finalidade prestar homenagem à Divindade em seu órgão visível. Quanto a nós, o nome oriente lembra que os mistérios da sabedoria nos vieram dos povos orientais. O Ven.° representa a *Luz*; o *sol* e a *luz*, símbolos do *daduque* e do *epibane*,* foram consagrados ao primeiro e segundo Vig.°; eis por que esses três chefes são chamados *luzes*. O sol simboliza a Luz que deve iluminar e guiar o maçom, como o seu calor simboliza o fogo sagrado que deve aquecer-lhe a alma. O brilho indireto da lua constitui, aqui, uma advertência: que devemos receber com docilidade e aproveitar com discernimento as Luzes que nos são comunicadas. A *espada flamejante*, arma simbólica, significa que a insubordinação, o vício e o crime devem ser afastados de nossos templos. O *esquadro* pendurado no cordão do Venerável não serviria para traçar uma figura redonda, mas apenas uma figura quadrada, significando, portanto, que o chefe de loja só pode ter um sentido, o dos estatutos da ordem, e que ele só deve agir de um modo, que é o do bem. O *nível*, que orna o primeiro Vig.°, simboliza a igualdade social, base do direito natural. A *perpendicular*, usada pelo segundo Vig.°, significa que o maçom deve possuir uma retidão de julgamento que nenhum afeto de interesse ou de família possa desviar. Essas jóias recebem o nome de *jóias móveis* porque, nas eleições, passam de um I.° a outro. Os três chefes de loja representam simbolicamente *as três grandes colunas do templo*, chamadas *Sabedoria*, *Força* e *Beleza*. Outrora, uma régua de 24 polegadas era a jóia do Apr.°, para lembrar-lhe que ele devia dividir sabiamente o seu tempo e usar bem as 24 horas do dia. Os *troféus militares* que figuram nas paredes, misturados tão

* Vigilantes que representavam o Sol e a Lua nas antigas iniciações. (N. T.)

engenhosamente a outros emblemas, indicam os combates que o maçom deve travar com a ignorância, os preconceitos, a superstição. Outrora, como para honrar a agricultura, essa ama nutridora do gênero humano, fazia-se figurar aí a joeira, símbolo enérgico da antiga iniciação, para indicar a escolha a ser feita entre os homens e quanto à moralidade, para distinguir a verdade do erro e da mentira.

P. *Quando um maçom escreve a um I.°, que nome toma a sua carta e como ele deve datá-la?*

R. Escrever uma carta é *traçar uma prancha*; o papel chama-se *prancha de traçar*; e a pena, *lápiz*. O ano maçônico, como o astronômico, começa a 1.º de março, e ele acrescenta 4.000 ao milésimo. Se, portanto, ele traçou sua prancha a 20 de janeiro de 1876, ele a datará do 20.º dia do 11.º mês do ano da Luz 5875.

P. *Por que não dizeis o ano da verdadeira Luz 5875?*

R. Porque os iniciados não são tão loucos para determinar uma data como da *verdadeira Luz*. (Não se trata, aqui, senão da Luz Maçon.°..)

P. *Por que escolheram o mês de março para começar o ano maçônico?*

R. Porque, no Egito, os mistérios começavam no equinócio da primavera (*primum tempus*, que significa primeira estação, começo do ano); mas como o dia em que ocorre o equinócio é variável, escolheu-se a data fixa de 1.º de março. A adição de 4.000 anos ao milésimo vulgar só é feita para satisfazer à idéia bíblica então dominante.

P. *Por que se supõe que os maçons abrem seus Trab.° ao meio-dia para fechá-los à meia-noite?*

R. Esse costume é uma homenagem que a Maçonaria presta a um dos primeiros instituidores dos mistérios, o ilustre Zoroastro que, nos dias de assembléia, reunia secretamente seus discípulos ao *meio-dia* e terminava seus trabalhos filosóficos à *meia-noite*, com um ágape fraternal.

O Ven. . dá um golpe, que é repetido pelo Ocid. ., e diz:
II. . primeiro e segundo Vig. ., informai-vos em vossas respectivas colunas se algum I. . teria alguma observação a fazer para o bem da ordem e da loja, e preveni-os de que o saco de proposições e o tronco de beneficência irão circular. I. . Me. de Cerim. ., I. . Hospit. ., tende a bondade de executar essa missão.

O primeiro Vig. .: M. . Ven. ., nas Col. . ninguém pede a palavra.

Os Vig. . informam que os II. . Me. de Cerim. . e Hospit. . se encontram entre as duas Col. .

O Ven. . chama-os ao O. . e convida os II. . Orad. . e Secret. . a irem assistir ao despojamento.

O Ven. . anuncia que o saco de proposições não continha nenhuma pergunta. Ele remete ao I. . Hospit. . o montante da coleta que o I. . Secret. . inscreve sobre seu esboço.

Se for o costume na Ofi. . de dar conhecimento do esboço dos Trab. ., o I. . Secret. . lê-o depois de o Ven. . pedir a atenção dos II. . Não dando a leitura lugar a nenhuma observação, o Ven. . faz que se aprove o esboço e procede ao fechamento dos Trab. .

P. I. . 1.º Vig. ., qual é a vossa idade?

R. Três anos, M. . Ven. .

P. A que horas os maçons costumam encerrar seus trabalhos?

R. À meia-noite.

R. Que horas são, I. . 2.º Vig. .?

R. Meia-noite, Ven. .

Já que é meia-noite e que esta é a hora na qual os maçons costumam encerrar seus trabalhos. ., II. . 1.º e 2.º Vig. ., convidai os II. . de vossas Col. . a se juntarem a vós e a mim para nos ajudar a encerrar os Trab. . de Apr. . da Resp. . Loja

X....., a O.. de N....., pelos mistérios tradicionais.
Tendo sido feito o anúncio, o Ven.. é informado a respeito.

O Ven.. se levanta e diz: *De pé e à ordem, meus II..!*
E dá três golpes, repetidos pelos Vig..

O Ven..: *Comigo meus II.. pelo sinal.., pela bateria*
(três golpes apenas), *vivat, vivat, semper vivat!* Os Trab.. estão
encerrados, *saíamos em paz!* (em três palavras.)

LOJA DE MESA

*"Tomarei parte nesses banquetes onde tem
assento a concórdia?"*

Todos os templos da Antigüidade e todos os antigos mistérios realizavam seus banquetes místicos e religiosos. Egípcios e gregos tinham seus banquetes sagrados; Esparta tinha suas refeições públicas, as chamadas *philitias*; em Benares, os brâmanes realizam festins científicos. Acaso os sete sábios não fizeram um banquete? Os romanos tinham suas *lectisternas*, para as quais convidavam seus deuses, cujas estátuas rodeavam a mesa do festim em que Horácio invocava *Diana e Phoebus*, isto é, Isis e Osíris. Os judeus tinham seus banquetes religiosos prescritos por Moisés. Os primeiros cristãos realizavam, sob o nome de *ágapes*, seus festins de amor e de caridade. A Maçonaria, portanto, também pode incluir banquetes entre seus mistérios e entrar, assim, no círculo imenso das instituições humanas.

A cada ano, nessa dupla época em que o astro vivificador que nos ilumina parece deter-se, como para indicar aos homens que devem suspender o curso de seus trabalhos habituais, a fim de se entregarem a algum grande ato de reconhecimento para com o autor de todas as coisas, a Maçonaria, fiel admiradora dos mistérios da natureza, apressa-se a responder a esse apelo, e celebra, nos dois solstícios, essas festas tão interessantes, que sempre enchem de alegria o coração de todos os seus filhos.

O banquetes maçônicos são essencialmente místicos em suas formas e filosóficos em seus princípios; não se trata de

banquetes comuns: a antiga sabedoria não teria tornado indispensavelmente obrigatória uma reunião que só tivesse uma finalidade frívola e que nada mais fosse do que um passatempo de prazer; mas os nossos ágapes completam a grande alegoria, cujos desenvolvimentos são proporcionados pelos diferentes graus.¹⁷

Os banquetes são celebrados sempre no Gr.º de Apr.º, a fim de que todos os Maç.º possam ser admitidos aos mesmos.

Não deve haver mais do que uma mesa, disposta em ferradura; os II.º colocam-se na parte de fora, com exceção dos Mes. de Cerim.º e dos Diáconos, no rito escocês, que ocupam a parte interna, de frente para o Ven.º. Contudo, quando os II.º são muitos e o local assim o exige, a parte interna da ferradura também é ocupada.

FALTA PUNIDA. Se um I.º comete uma falta, é condenado pelo Ven.º a atirar entre as Col.º uma canhonada de pó fraco, e o instrumento do suplício lhe é apresentado pelo Me. de Cerim.º. Esse costume parece remontar à mais alta Antigüidade.

“A fábula ensina-nos, diz *Bailly*, que na legião celeste, seguia-se o mesmo regime: os deuses perjuros, depois de terem jurado pelo Styx, eram condenados a beber uma taça dessa água envenenada. Essa taça lhes era oferecida por Isis (*Essai sur les fables*, t. I, p. 197).”

Os oficiais ocupam à mesa os mesmos lugares que na loja. O Ven.º tem sua cadeira no meio externo da mesa; nas duas extremidades ficam os 1.º e 2.º Vig.º.

Como na loja, os trabalhos são dirigidos e conduzidos pelo Ven.º, que faz passar suas ordens aos Vig.º pelos Mes. de Cerim.º ou pelo Diácono. É ele quem ordena e comanda os brindes, com exceção do seu que, com sua permissão, é ordenado pelo 1.º Vig.º. O Ven.º delega às vezes, por honra, o comando das armas, nos brindes, a alguns dos oficiais ou dos II.º.

17. Ver no *Curso Interpretativo das Iniciações*, esses desenvolvimentos e a interpretação da Loja de mesa.

Tudo o que é colocado sobre a mesa e que lembra os *três reinos* deve ser arrumado em linhas paralelas. Leva-se às vezes esse cuidado até o colocar cordões coloridos para observar melhor os alinhamentos. A primeira linha, partindo da parte externa, é para os pratos; a segunda, para as garrafas e os cristais; a terceira, para os copos; e a quarta, para os talheres.

Os utensílios de mesa recebem nomes místicos, de acordo com a seguinte nomenclatura:

A mesa chama-se *plataforma*;
A toalha, *véu*;
O guardanapo, *bandeira*;
A travessa, *bandeja*;
O prato, *telha*;
A colher, *trolha*;
O garfo, *enxada*;
A faca, *gládio*;
A botelha ou garrafa, *barrica*;
O copo, *canhão*;
As velas, *estrelas*;
As espevitadeiras, *pinças*;
As cadeiras, *estalas*;
As carnes em geral, *materiais*;
O pão, *pedra bruta*;
O vinho, *pó forte, vermelho ou branco*;
A água, *pó fraco*;
A cidra, ou bebida, *pó amarelo*;
Os licores, *pó fulminante*;
O sal, *areia*;
A pimenta, *cimento ou areia amarela*;

Comer, é *mastigar*;

Beber é *tirar uma canhonada*;

Trinchar é *emagrecer*.

Os trabalhos de mesa compõem-se de SETE BRINDES, número igual ao dos planetas, aos quais a Antigüidade oferecia sete libações, substituídas pelos brindes maçônicos.

A primeira libação era oferecida ao *Sol*, rei dos céus, a quem a natureza deve a sua fecundidade; entre todos os povos, ela é consagrada ao Soberano.

A segunda era oferecida à *Lua*, astro que, de acordo com os antigos, esclarecia os mais secretos mistérios. Os maçons consagraram-no à força soberana da ordem que, para eles, depois do Soberano, é a suprema reguladora.

A terceira libação era consagrada a *Marte*, a *Ares*, divindade que também presidia aos conselhos e aos combates. Os maçons transformaram-na no brinde do Venerável.

A quarta era a de *Mercúrio*, que os egípcios chamavam de *Anúbis*, o deus que *vigia*. Tornou-se o brinde dos Vigilantes.

A quinta era oferecida a *Júpiter*, também chamado *Xenus*, o deus da *hospitalidade*. Era consagrada aos visitantes e às oficinas afiliadas, isto é, a nossos *hóspedes maçons*.

A sexta era oferecida a *Vênus*, a deusa da geração; essa divindade, símbolo da natureza, como diz Lucrécio, faz o encanto dos homens e dos deuses. Ela tornou-se o brinde dos Oficiais, o dos membros da Loja e, sobretudo, o brinde dos *novos iniciados*, para quem o estudo da natureza passa a ser uma de suas principais ocupações.

Enfim, a sétima libação era oferecida a *Saturno*, deus dos períodos e dos tempos, cuja imensa órbita parece abarcar a totalidade do mundo. Ela foi escolhida como o brinde de todos os maçons que cobrem a superfície da terra, seja qual for a situação em que a sorte os tenha colocado. Para representar a órbita desse planeta, não é mais em semicírculo que se dá esse

brinde: para ele, restabelece-se o círculo em sua totalidade e, como ocorre nas festas de Saturno, nas quais os escravos partilhavam os prazeres de seus senhores e se sentavam à sua mesa, assim, entre os maçons, os servos vêm misturar-se aos trabalhos dos II.° e participam desse brinde geral, no qual cada um parece formar um elo dessa imensa corrente que abraça o universo: quadro comovedor que a Maçonaria oferece a seus adeptos!

REINÍCIO DOS TRABALHOS

Todos os II.º, ornados com seus cordões, pois o quadro só é necessário aos Com.º e Apr.º, ocupam os lugares que lhes são designados e se mantêm de pé. (A mesa está servida; os servidores saem.)

O Ven.º dá um golpe de malhete, que é repetido pelos Vig.º, e diz:

II.º 1.º e 2.º Vig.º, assegurai-vos de que nossos Trab.º estão bem cobertos e de que os II.º de vossas Col.º são maçons.

Os Vig.º executam essa ordem, inspecionando com o olhar as suas Col.º. O I.º 2.º Vig.º diz: I.º cobridor, desempenhai vosso dever. (O I.º cobridor vai fechar a porta, cuja Chave retira; ninguém poderá mais entrar ou sair.) Ele diz:

I.º 2.º Vig.º, os Trab.º estão cobertos. Este diz:

I.º 1.º Vig.º, os Trab.º estão cobertos, e todos os II.º de minha Col.º são maçons. Este último diz:

Ven.º, os Trab.º estão cobertos e todos os II.º que ocupam as duas Col.º são maçons.

O Ven.º: Meus II.º, à ordem! II.º Vig.º, anunciai a vossos II.º que os trabalhos, que haviam sido suspensos, retomam sua força. (Se os trabalhos haviam sido encerrados, será preciso abri-los.) Os Vig.º informam que o anúncio foi feito.

O Ven.'. dirige uma invocação ao G.'. A.'. do U.'. para atrair sua bênção sobre os materiais a demolir; depois, dando um golpe, diz: II.'. Vig.', preveni vossos II.'. de que os Trab.'. foram suspensos e que vamos nos entregar à mastigação. Os Vig.'. fazem o anúncio, instruindo a respeito o Ven.', que diz: Meus II.', sentemo-nos!

BRINDES

Quando o Ven.'. o julgar conveniente, mas, ordinariamente depois do 1.º serviço, ele dá um golpe, ao qual respondem os Vig.'. (todos se calam, os servos saem, o I.'. Cob.', armado com sua espada, guarda a porta). O Ven.'.: *Meus II.', à ordem de mesa!* II.'. 1.º e 2.º Vig.', *anunciai a vossos II.'. que os trabalhos que haviam sido suspensos retomam seu vigor.*

ORDEM DA MESA

Tendo a mão direita à ordem de Apr.', colocar a esquerda espalmada sobre a mesa, os dedos unidos, o polegar afastado, seguindo a linha da borda da mesa para formar o esquadro.

O Ven.', depois de advertido de que o anúncio foi feito, diz:

I.'. 1.º e 2.º Vig.', *convidai os II.'. que estão sob as vossas ordens a se disporem a carregar e a alinhar-se para o primeiro brinde de obrigação.* — Feito o anúncio, o Ven.'. diz:

"Carreguemos e alinhemos, meus II.'.. O Vig.'. repete. (Só a partir desse instante é que se deve tocar nas barricas; cada um se serve de bebida, de acordo com sua vontade; pó forte, amarelo ou fraco, de acordo com o gosto e o regime de cada um.) Quando tudo está alinhado na coluna do norte, o 2.º Vig.'. adverte a respeito o 1.º, que diz:

"Ven.', tudo está carregado e alinhado sobre as duas Col.'..

O Ven.º, *“o oriente também está: de pé, à ordem e com a espada na mão!”* (Todos se levantam; a bandeira está sobre o antebraço esquerdo; os II.º com as condecorações de altos graus colocam-na ao ombro. Os II.º que estão dentro da feradura permanecem sentados.)

PRIMEIRO BRINDE. II.º. 1.º e 2.º Vig.º, tende a bondade de anunciar em vossas col.º que o 1.º brinde de obrigação é o do chefe de Estado; juntamos a esse precioso brinde nossos votos pela glória e prosperidade da França.

Os Vig.º levam o anúncio até suas colunas e informam a respeito os Ven.º, que comanda o exercício da seguinte forma:

“Atenção, meus II.º! A mão direita às armas! Apresentar armas! Fogo!

“1.º Fogo: À saúde do chefe de Estado!

“2.º Fogo: À saúde da família do chefe de Estado!

“3.º Fogo: À glória e à prosperidade da França! (O Ven.º pode desenvolver esses três brindes.)

“Descansar armas! (*Levar o canhão contra o ombro direito, à altura do queixo.*)

“Apresentemos nossas armas!

“À frente! um! dois! três! (*Para esses três tempos, leva-se o canhão até o seio esquerdo, depois até o direito, depois para a frente.*)

Um! dois! três! (*Repetem-se os movimentos.*)

Um! dois! três! (*Repetem-se, outra vez, mas no 3.º tempo espera-se a ordem do Ven.º.*)

“Deponhamos nossas armas em três tempos! Um!... dois!... três! (*Nesse último tempo, todos os canhões devem bater sobre a mesa um só golpe e de acordo.*)

“A espada na mão direita! Saudação com a espada! Descansar a espada!” (*Colocá-la sobre a mesa, simultaneamente, a fim de produzir um único ruído.*)

“A mim, meus II.°, pelo sinal e uma tríplice bateria!...
Vivant! Vivant! Semper vivant!

Quando for mais oportuno, o Me. de Cerim.°, fazendo as funções de embaixador, responde ao brinde.

“Meus II.°, retomemos nossos lugares!” (*Todos se sentam.*)¹⁸

Enquanto prosseguirem os trabalhos, é permitido continuar a mastigar, mas em silêncio.

SEGUNDO BRINDE. O Ven.° dá um golpe que é repetido pelos Vig.°. (*Todos fazem silêncio, cessa toda mastigação.*)

“II.° 1.º e 2.º Vig.°, convidai os II.° colocados sob vosso comando a se disporem e a se alinharem para o segundo brinde de obrigação. (*Tudo se faz como foi dito para o primeiro brinde.*)

“Meus II.°, o 2.º brinde de obrigação é o do M.° Ilus.°. Grão-Mestre da Ordem; juntamo-nos a esse brinde, que nos é tão caro, o do G.° O.° da França, assim como dos GG.° Mes.°, e dos GG.° OO.° estrangeiros; enfim, acompanharemos esses brindes com os votos mais expressivos para a prosperidade da Maçonaria em toda a superfície do globo.”

Obedece-se ao mesmo cerimonial que para o primeiro brinde. O Ven.° também pode desenvolver esse brinde.

Se houver alguns II.° a quem se fizeram brindes como oficiais do G.° O.° de Fr.° ou de GG.° OO.° estrangeiros, esses II.° não devem fazer brindes, mas devem manter-se de pé, ou sentar-se, e, terminados os aplausos, eles pedem para agradecer, fazendo um deles o uso da palavra. Ao fazer esse agradecimento, os II.° da loja permanecem de pé e à ordem.

18. “Se em todas as épocas os Franco-maçons não hesitaram em brindar à saúde daquele ou daqueles que governam a nação, praticam com isso não um ato de servilismo, mas de pura deferência para com os depositários do poder.” (*Discurso do I.° Pernot, de Besançon.*)

O Ven.'. faz cobrir seus aplausos. — *Ao fim de tudo, o Ven.'. diz:*

Tomemos nossos lugares, meus II.'. (*Todos se sentam.*)

TERCEIRO BRINDE. O I.'. 1.º Vig.'. dá um golpe, que é reproduzido pelo 2.º Vig.'. e o Ven.'. , ao qual o 1.º Vig.'. pede a palavra. Ele a obtém e diz:

"Ven.'. , rogo-vos a gentileza de fazer carregar e alinhar-se para um brinde que eu quero ter a honra de propor.

O Ven.'. convida os II.'. Orad.'. e o 2.º Vig.'. a fazer carregar e alinhar os canhões que estão enfileirados diante dos II.'. sob seu comando. Depois que esses oficiais o tiverem informado de que tudo está em ordem, ele diz: I.'. 1.º Vig.'. *tudo está carregado e alinhado; qual o brinde que desejais propor?*

O 1.º Vig.'. : M.'. Ven.'. , *é o vosso.* — "I.'. 2.º Vig.'. , I.'. Orad.'. , fazei a gentileza de juntar-vos a mim: vós, I.'. 2.º Vig.'. na Col.'. que dirigis, e vós, I.'. orador, a oriente.

"De pé e à ordem, meus II.'. , com a espada na mão! (O Ven.'. permanece sentado, à ordem da mesa.)

"Meus II.'. , o brinde que o I.'. 2.º Vig.'. , o I.'. Orad.'. e eu, temos a honra de vos propor é o de nosso M.'. Q.'. Ven.'. ; juntamos o de sua família e os nossos mais ardentes votos para a prosperidade de nossa Resp.'. Loja.

O 2.º Vig.'. : *o brinde que o I.'. 1.º Vig.'. , o I.'. Orad.'. e eu, etc. O Orad.'. repete o mesmo.*

O I.'. 1.º Vig.'. diz: *"Atenção, meus II.'. !* e comanda o exercício, ou então concede o comando ao 2.º Vig.'. ; ele ordena o aplauso e o *vivat*.

O Ven.'. se levanta (*os II.'. permanecem de pé e à ordem*), ele agradece, faz-se às vezes acompanhar pelo Me. de Cerim.'. — Depois do aplauso, o 1.º Vig.'. diz: *Cubramos, meus II.'. !* ou: *"Por respeito a nosso Ven.'. , não cobriremos sua bateria; retomemos os nossos lugares, meus II.'. !*

O Ven.'. suspende os trabalhos ou deixa-os desenvolver-se.

QUARTO BRINDE. O Ven.'. repõe os trabalhos em vigor, caso já não o estejam, e faz carregar e alinhar para o 4.º brinde. Quandó tudo está carregado e alinhado, propõe o brinde dos II.'. Vig.'. e dos demais dignitários da Loja; e acrescenta o dos II.'. visitantes, o das lojas afiliadas, caso haja.

Os II.'. Orad.'. e Secret.'. repetem o anúncio.

O Ven.'. comanda esse brinde. Todos os II.'. permanecem sentados, os Vig.'. e os dignitários se levantam; depois do brinde e dos aplausos, os oficiais agradecem, usando o I.'. primeiro Vig.'. a palavra por todos.

O Ven.'. faz cobrir o aplauso e manda informar os II.'. que adornam as Col.'. de que os Trab.'. vão ser suspensos ao toque do malhete. — Os Vig.'. repetem o anúncio.

O malhete do Ven.'. se faz ouvir e cada um retoma as ocupações do banquete.

Enquanto o At.'. está em recreação, vem a propósito cantar alguns cânticos nos quais são celebradas as alegrias e as vantagens da união maçônica.

QUINTO E ÚLTIMO BRINDE.¹⁹ O Ven.'. convida o Mestre de Cerim.'. a introduzir os II.'. serventes, que entram com suas bandeiras sobre o antebraço e seus canhões, e se colocam

19. Sem dúvida, há Ven.'. que terão pedido a redução dos brindes a CINCO; infelizmente as dignidades não dão sabedoria. Esses II.'. que ensinam a seus neófitos que na maçonaria TUDO é simbólico, e que, por consequência, nada pode ser cortado senão com a tesoura da ciência, ignoram por certo a fonte de nossos SETE brindes. Ao cortar os brindes que lembram as libações a Júpiter Xenus, o deus da hospitalidade, e a Vênus, a deusa da primavera e do verão, consagrada aos jovens maçons, eles tiveram de fazer em seu quarto brinde um amálgama incompleto de assuntos disparatados, omitindo o brinde aos II.'. da Loja, sem ofício, e sobretudo o dos novos iniciados, tão imperdoável! Os nomes dos dias da semana são os das divindades às quais eram consagradas as sete libações; suprimindo os brindes de número 5 e 6, imitais aqueles que, achando a semana longa demais, cortaram dela a quinta e a sexta-feiras. Não

entre os dois Vig.'. Então o Ven.'. repõe os trabalhos em vigor e manda carregar e alinhar. Os Vig.'. dão um toque, anunciam que os trabalhos foram recolocados em vigor e convidam seus II.'. a se disporem a carregar e a alinhar.

O Ven.'. : *carreguemos e alinhemos, meus II.'.!* (Todos carregam e alinham.) Quando o Ven.'. é advertido de que tudo está em ordem, ele diz:

"De pé, meus II.'.! Formemos a corrente de união e coloquemo-nos à ordem!" (Todos se levantam, dando uma extremidade de sua bandeira a seus vizinhos da direita e da esquerda, ao mesmo tempo em que seguram a extremidade da bandeira dos vizinhos com a mão esquerda. Os II.'. , colocados no interior se comunicam com o exterior por meio dos Mestres de Cerim.'. e dos expertos, e os II.'. Ser.'. se comunicam pelos II.'. Vig.'. tornando perfeita a corrente.)

O Ven.'. : "II.'. primeiro e segundo Vig.'. , o último brinde de obrigação é o de todos os maçons espalhados pelos dois hemisférios, tanto na prosperidade como na adversidade. Dirijamos nossos votos ao G.'. A.'. do U.'. para que lhe apraza socorrer os infelizes e conduzir os viajantes a bom porto. Convidai os II.'. de uma e de outra Col.'. a se juntarem a nós para fazer este brinde com o melhor de todos os fogos."

Os Vig.'. repetem e informam o O.'. de que o anúncio está feito.

Então o Ven.'. entoa um cântico de encerramento, do qual se dizem apenas a primeira e a última estrofe das seis que o compõem.

toqueis, portanto, na base do edifício, e respeitai aquilo que não compreendeis. Sem dúvida, pode haver na Maçonaria, isto é, nos três primeiros graus, algumas reformas a serem feitas, mas não é a ignorância que deve cuidar disso. Essas faltas são causadas pela esterilidade dos rituais que não fornecem a razão de coisa alguma; são esqueletos mudos, para os quais a vida maçõn.'. continua a ser um mistério.

Cada quadra é cantada em coro, depois que o Ven.'. a cantou:

*"Frères et compagnons
De la Maçonnerie,
Sans chagrin, jouissons
Des plaisirs de la vie;
Munis d'un rouge bord,
Que, par trois fois, le signal de nos verres
Soit une preuve que, d'accord,
Nous buvons à nos frères.*

[“Irmãos e companheiros / Da Maçonaria, / Sem mágoa, gozemos / Os prazeres da vida; / Munidos de um copo a transbordar, / Que, por três vezes, o sinal de nossos copos / Seja uma prova de que, em harmonia, / Bebemos a nossos irmãos.]

Da mesma forma, em coro, depois do Ven.'.:

*"Joignons-nous main en main,
Tenons-nous ferme ensemble,
Rendons grâce au destin
Du noeud qui nous ressemble;
Et soyons assurés
Qu'il ne se boit, sur les deux hémisphères,
Point de plus illustres santés Bis 20
Que celle de nos frères.*

“[Demo-nos as mãos/ Fiquemos firmes juntos, / Demos graças ao destino / Pelo vínculo que nos une; / E estejamos certos / De que não se bebe, nos dois hemisférios, / Brindes mais ilustres / Que o de nossos irmãos.]

20. Para os II.'. curiosos de conhecer esse antigo cântico, eis as quatro coplas intermediárias:

2.^a COPLA:

*Le monde est curieux
De savoir nos ouvrages;
Mais tous nos envieux
N'en seront pas plus sages:
Ils tâchent vainement
De pénétrer nos secrets, nos mystères,
Ils ne sauront pas seulement
Comment boivent les frères.*

O Ven.: Atenção, meus II.! Mãos às armas! Ao alto as armas! Atenção! Fogo! Bom fogo! Tríplice fogo! Apresentar as armas! (Outrora, repetiam-se três vezes os dois últimos versos.) Um, dois, três; um, dois, três; um, dois, três! Em frente! um! . . . dois! . . . e três! Aplauda-se. (Outrora, cantava-se a última repetição.)

É um costume louvável dar o beijo fraternal antes de se despedirem: o Ven. o dá, à direita e à esquerda, a seus vizinhos, com uma palavra de amizade, que voltam a ele pelo Me. de Cerim. . . E ele diz que a palavra dada está exata.

(Outrora, em muitas Lojas, o beijo de paz circulava à direita e à esquerda por meio desta estrofe, que era entoada pelo

[O mundo tem curiosidade / De saber nossas obras; / Mas todos os que nos invejam / Não serão mais sábios; / Eles procuram em vão / penetrar nossos segredos, nossos mistérios, / Eles não saberão apenas / Como bebem os irmãos.]

3.^a COPLA:

*Ceux qui cherchent nos mots,
Se vantent de nos signes,
Son du nombre des sots
De nos soucis indignes:
C'est vouloir de leurs dents
Prendre la lune dans sa course altière:
Nous mêmes serions ignorants,
Sans le titre de frère.*

[Os que procuram nossas palavras, / Se vangloriam de nossos signos, / Pertencem ao número dos tolos / Indignos de nossas preocupações: / E querer com seus dentes / Prender a lua em sua corrida altaneira: / Nós mesmos seríamos ignorantes, / Sem o título de irmão.]

4.^a COPLA:

*On a vu, de tous temps,
Des monarques, des princes,
Et quantité de grands
De toutes les provinces,
Pour prendre un tablier,
Quitter sans peine leurs armes guerrières,
Et toujours se glorifier
D'être connus pour frères.*

Ven.'. com a música de *Viva Henrique IV*, e que cada um repetia a seu vizinho:

*Dedans la barque
Du nautonnier Caron,
Si je m'embarque,
Je lui dirai: Patron,
À cette marque,*

Faz-se o sinal

Reconnais un maçon!

Dar os três golpes sobre o ombro e se abraçar.

[Dentro da barca / Do marinheiro Caronte, / Se me embarco, / Eu lhe direi: Patrão, / Por esta marca, / Conheces um maçom!]

O Ven.'. dá um golpe, que é repetido pelo Ocidente, e diz:

"I.'. 1.º Vig.'. : *Que idade tendes?*

R. Três anos, Ven.'..

"*A que horas temos o costume de encerrar nossos Trab.'.*?"

R. À meia-noite.

[Em todos os tempos, viram-se / Monarcas, príncipes, / E numeroso grupo de grandes / De todas as províncias, / Para usar um avental, / Deixar sem pena suas armas de guerra, / E se gloriarem sempre / De serem conhecidos por irmãos.]

5.ª COPLA:

*L'antiquité répond
Que tout est raisonnable,
Qu'il n'est rien que de bon,
De juste et vénérable
Dans les sociétés
Des vrais Maç.'. et légitimes frères,
Ainsi, buvons à leurs santés,
Et vidons tous nos verres.*

[A Antigüidade responde / Que tudo é razoável, / Que não há nada senão de bom, / De justo e de venerável / Nas sociedades / Dos verdadeiros Maç.'. e legítimos irmãos, / Assim, bebamos às suas saúdes. / E esvaziemos todos os nossos copos.]

(Extraído de uma antiga compilação, sem data, de canções Maçon.'. anotadas, tendo 34 folhas. Na 30.ª se encontram mais 7 coplas que fazem seqüência a este cântico, sem nome de autor.)

êêê

"Que horas são, I.: 2.º Vig.:?"

R. Meia-noite, Ven.:..

*"Já que é meia-noite, etc., como no encerramento dos
Trab.: do Apê.:.."*

INICIAÇÃO DE UM SURDO-MUDO

Uma iniciação do maior interesse ocorreu, a 11 de abril de 1845, na loja *Monte Sinai*, da correspondência do Sup.º Cons.º. Esc.º., em Paris, sob a direção do I.º Barach Weil, Ven.º..

O candidato proposto, Sr. Pélissier, é professor da escola para surdos-mudos e ele próprio era surdo-mudo.

O caso era novo e embaraçoso: se, por um lado, a enfermidade do candidato e sua alta capacidade despertavam universais simpatias, por outro lado, perguntava-se se ele estaria apto a ser admitido na Sociedade Maçônica, já que não poderia tomar parte em suas discussões e não estava em condições de receber ou dar as palavras de reconhecimento. Contudo, a recepção foi unanimemente resolvida. Mas surgiu então uma nova dificuldade: tratava-se de determinar a forma pela qual o Prof.º seria admitido às provas requeridas. Compreendia-se que era impossível introduzi-lo com os olhos cobertos por uma venda, pois só se poderia interrogá-lo por sinais. Depois, a imperfeição desse modo de comunicação deveria tornar a sessão interminável e não permitiria escrutar profundamente os sentimentos secretos do recipiendário. Pensou-se em fazer-lhe uma pergunta que ele responderia por escrito. Entre as muitas que foram propostas, a assembléia adotou a seguinte: *Que idéia fazeis a respeito da natureza e dos efeitos da eloqüência falada?* Essa pergunta foi feita ao aspirante na câmara das reflexões. Uma meia hora depois, o experto apresentou uma redação de várias páginas, que

foi lida na assembléia. Era a resposta do recipiendário. Dificilmente se poderia imaginar a impressão produzida pela leitura desse trabalho. A matéria estava tratada com uma superioridade notável e num estilo cheio de elegância, de pompa e de harmonia. É, sem contradita, um belo modelo de eloquência escrita, e tanto mais digno de louvores por ser o fruto de uma verdadeira improvisação.

Em seguida, o recipiendário foi introduzido na Loja. Viram-no sentar-se, os olhos sem vendas, na frente de uma mesa, sobre a qual ele escrevia suas respostas às perguntas do Venerável, que lhas transmitia por sinais, mediante um intérprete. Suas respostas não se faziam esperar, e todas impressionavam pela justeza e precisão. Depois de fazer o juramento e a iniciação, ele agradeceu à Loja com uma quadra feita de improviso.

Achamos que esse fato raro e curioso deveria ser conhecido das oficinas que o ignoram, pois é possível que ocorram circunstâncias semelhantes.

FILIAÇÃO

Quando o saco das proposições contém uma consulta sobre filiação, o Venerável consulta a oficina para saber se o postulante é conhecido favoravelmente pelos irmãos ou, se possível, nomeia uma comissão para fazer seu relatório na sessão seguinte, depois da leitura do traçado dos trabalhos precedentes.

As pranchas de convocação devem mencionar a filiação.

Nessa sessão, se o postulante está presente aos trabalhos, o Me. de C.º leva-o para fora do templo, de acordo com o convite do Ven.º, que, em seguida, consulta a Loja a respeito desse pedido, ou lê o relatório da comissão. Dado o consentimento dos II.º e ouvidas as conclusões do orador, o Ven.º concede ao postulante a entrada no templo, onde o Me. de C.º, depois de dada a bateria do grau e de se ter anunciado, o introduz entre as duas colunas.

Informado pelo primeiro Vig.º, o Ven.º diz: *De pé e à ordem, meus II.º, gládio na mão!*

O Ven.º dirige ao I.º afiliado algumas palavras afetuosas e de felicitação, e convida o Me.º de C.º para levá-lo até o pé do altar. (Se se trata de um dignitário, os II.º formarão sobre sua passagem a abóbada de aço.)

O I.º filiado, com o joelho direito sobre o esquadro, a mão direita sobre a espada da Ordem, pronuncia, em voz alta, a seguinte fórmula:

OBRIGAÇÃO: "Juro solenemente obedecer, sem restrição, os estatutos gerais da Ordem, conformar-me com os regulamentos

desta Resp.ª Loja, e ficar inviolavelmente ligado ao G.ª O.ª da França, único legislador e regulador da Ordem maçônica na França.”

O Ven.ª levanta o I.ª, decora-o com a jóia da Loja (*se houver alguma*), dá-lhe a acolada e o faz conduzir entre as duas colunas pelo Me. de C.ª.

O Ven.ª dá um golpe de malhete e diz:

II.ª 1.º e 2.º Vig.ª, convidai os II.ª que adornam vossas colunas a reconhecerem, no futuro, o M.ª Q.ª I.ª . . . , como membro filiado desta Resp.ª oficina e a se juntarem, a vós e a mim, para aplaudir sua filiação.

Os II.ª Vig.ª repetem o anúncio, e o Ven.ª ordena que o aplaudam pela tríplice bateria e pelo tríplice *vivat*.

O I.ª filiado agradece, a oficina cobre. O Venerável convida os II.ª a que se sentem e manda conduzir o filiado ao lugar que, de acordo com seu grau ou dignidade, ele deve ocupar.

Ao convite do Ven.ª, o I.ª orador dirige ao I.ª filiado uma alocução relativa à sua admissão.

Depois dos aplausos ao discurso do orador, a Loja esgota a ordem dos trabalhos indicados nas cartas de convocação.

NOTA. As oficinas podem conceder a correspondência ou filiação individual, livre ou ativa, a quantos maçons julgarem conveniente. Mas uma oficina não pode pedir nem conceder filiação a mais de quatro lojas (*art. 222 dos estat. gerais*).

NOTA A RESPEITO DO NÚMERO 3

O espírito fica admirado com todos os atributos que a razão, a imaginação e o sentimento deram a esse número venerado. Tentaremos passar em revista esse quadro; pelo menos grande parte dele.

A filosofia oculta ou metafísica compreende três mundos: *o mundo elementar, o mundo celeste e o mundo intelectual.*

Há, no universo, o *espaço*, a *matéria* e o *movimento*. Já que não existe o vazio absoluto, não existe *espaço* sem corpo, e o espaço é *eterno, imutável, infinito.*

Os atributos de Deus ou da natureza são a *eternidade*, a *infinitude* e a *onipotência*.

A natureza divide-se em três reinos: os *minerais*, os *vegetais*, os *animais*; cada um deles é *tríplo* e o todo constitui uma coisa única (*Trindade*).²¹

Toda matéria (corpo, astro, mundo) é dotada de três existências: a primeira, *gasosa*; a segunda, *fluida*; a terceira, *sólida*.

21. Uma das doutrinas de *Manés* era a *Trindade* gnóstica: um deus e dois princípios, o bom e o mau. O pai morava num local desconhecido, resplendente de luz celeste. O filho era o sol, e o espírito o ar. Durante sua vida, Manés teve *doze apóstolos*. A unitrindade cristã é um Deus em *três pessoas*, isto é, um Deus com uma *tríplice* representação: como *criador, animador e conservador*; porque *persona*, pessoa, significa *perfeita representação*. Essa palavra é a contração de *perfecte sonans* (figurando perfeitamente).

Três leis gerais e especiais regem a natureza e tudo o que existe; a atração e a expansão (leis das massas), as afinidades (lei das moléculas), a polaridade (a lei que regula a sua orientação).

O tempo tem por medida o *passado*, o *presente* e o *futuro*.

Toda coisa corpórea ou espiritual tem um *princípio*, um *meio*, um *fim*; isto é, o *nascimento*, a *existência* e a *morte*.

O homem é dotado de três forças intelectuais: a *memória*, o *entendimento* e a *vontade*. Ele comporta a *alma*, o *espírito* e o *corpo*.

O homem tem deveres para com *Deus*, para *consigo mesmo*, para com a *sociedade*.

Há princípios que ele *sente*, verdades que ele *ama*, deveres que ele *cumpre*.

A união dos homens é alimentada pela *estima*, a *fidelidade*, a *constância*.

A moral depende da *justiça dos homens*, da *sabedoria das leis*, da *pureza dos costumes*.

Platão divide as almas em três categorias: as *puras*, as *curáveis*, as *incuráveis*; daí o *paraíso*, o *purgatório* e o *inferno*. — Contam-se três almas distintas: a *inteligente*, a *sensitiva*, a *vegetativa*.

A terra tem três movimentos principais: *translação*, *rotação*, *titubeação* (libração).

Os corpos têm três dimensões: *comprimento*, *largura*, *profundidade*.

Eles comportam: *forma*, *densidade* e *cor*.

A física moderna, considerando a água como um ar condensado, não admite senão três elementos: a *terra*, o *fogo* e o *ar*.

A química encontra nos corpos três princípios palpáveis: a *terra*, a *água* e o *sal*.

Os antigos diziam: três princípios químicos animam o universo: o *sal*, o *enxofre* e o *mercúrio*.

No grão de trigo, três partes não são nutritivas, o *epicárpio*, o *endocárpio* e o *episperma*: elas causam, na farinha, uma perda de 12 a 14 por cento.

A luz decomposta mostra as três cores primitivas: o *amarelo*, o *vermelho* e o *azul*.

O matemático encontrou a *aritmética*, a *geometria*, a *mecânica*.

A matemática tem a sua regra *de três*.

A geometria mede a extensão pelo *ponto*, a *linha*, a *superfície*; ela compreende a *trigonometria*, ou a ciência do *triângulo*. Toda superfície é redutível a *triângulos*.

Ela conta 3 ângulos: o *reto*, o *agudo*, o *obtusos*.

3 id. : o *retilíneo*, o *curvilíneo*, o *mitilíneo*.

3 triâng: *retângulo*, *isósceles*, *escaleno*.

3 figuras: o *triângulo*, o *quadrado*, o *círculo*.

3 corpos com arestas: o *cubo*, o *prisma*, a *pirâmide*.

3 pontos para encontrar o centro de um círculo.

3 id. para balizar.

3 lados, pelo menos, para conter um espaço.

A estereometria conta 3 formas: *triangular*, *quadrangular*, *pentagonal*; sua face é *triangular*.

3 corpos: *redondo*, *cilíndrico*, *esférico* (cone).

A trigonometria conta 3 *revoluções*; pelos menos, 3 coisas: 2 ângulos e um lado.

A mecânica demonstra que a forma é o produto da *massa* multiplicada pelo *espaço* dividida pelo *tempo*.

Ela tem três espécies de *alavancas*; para cada uma, precisa-se de: *ponto de apoio*, *força*, *resistência*. Para sustentar um corpo, são precisos, pelo menos, 3 *pés* (tripé).

A física observa três formas de corpos: *sólido*, *líquido*, *gasoso*.

A medicina observa, no homem: a conformação dos *sólidos*, o movimento dos *fluidos*, o jogo das *paixões*.

A geografia antiga parecia não conhecer senão a *Europa*, a *Ásia*, a *África*.

As belas-artes incluem três artes principais: a *pintura*, a *escultura* e a *arquitetura*.

O pintor deve reunir três qualidades essenciais: o *desenho*, a *expressão* e o *colorido*. *Apeles* só colocou a palavra *fecit* no retrato de Alexandre, em seu quadro da *Vênus adormecida* e no que representava essa deusa saindo das águas. Foram as suas obras-primas. Embaixo de suas outras obras ele escrevia, *faciebat*. — *Carlos V*, ao se fazer pintar pela terceira vez por *Ticiano*, disse-lhe: *Estais me proporcionando uma terceira imortalidade*.

O admirável grupo de *Laocoonte* é obra de três escultores: *Agesandro*, *Polidoro* e *Aienodoro*.

Há três espécies de arquitetura: a *sagrada*, a *civil*, a *naval* ou *náutica*.

A arquitetura tem três objetivos: a *distribuição*, a *proporção*, a *solidez*.

Os gregos conheciam três ordens de arquitetura: a *dórica*, a *jônica*, a *coríntia*.

Há três partes em cada ordem: o *pedestal*, a *coluna*, o *entablamento*.

Cada coluna tem sua *base*, seu *fuste*, seu *capitel*.

Cada entablamento apresenta: *arquitrave*, *frisa* e *cornija*.

A música distingue três sons: o *agudo*, o *grave*, o *médio*.

Ela tem três claves: a de *sol*, a de *dó* (ut) e a de *fá*.

O acorde perfeito tem *três intervalos*.

O círculo das ciências compreende os *princípios*, os *elementos*, os *resultados*.

Segundo Estrabão, a poesia tem três elementos: a *história*, o *mito* e a *boa disposição*.

A *razão*, que vê e julga; a *força*, que retém e modera; o *conselho*, que esclarece e adverte: com esse *tríplice* recurso, diz Pitágoras, o homem é virtuoso, vive em segurança sob o escudo da sabedoria e, assim, encontra a felicidade.

Há três espécies de números: o *inteiro*, o *fracionário* e o *composto*.

A numeração divide suas linhas por séries de *três cifras*.

Como resultado, ela tem: a *soma*, a *diferença*, o *produto*; proveniente de três operações aritméticas: *adição*, *subtração*, *multiplicação*.

A regra de proporção exige *três números* para se encontrar o quarto.

A arte da oratória tem três partes principais: *invenção*, *elocução*, *distribuição*; nota-se nela: o *exórdio*, o *assunto*, a *peroração*; *argumento*, *asserção*, *consequência*.

A lógica tem: *sujeito*, *verbo*, *atributo* (complemento ou regime); *princípio*, *asserção*, *consequência*.

Gramática. O verbo tem três tempos ou modos: *passado*, *presente*, *futuro*; três pessoas: *eu*, *tu*, *ele* ou *ela*; *nós*, *vós*, *eles* ou *elas*; as quatro últimas palavras são *pronomes*; as quatro primeiras são *artigos verbais*.

Os nomes latinos têm três gêneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*.

Os substantivos gregos têm três números: *singular*, *plural*, *dual*.

A arte dramática submete cada poema à regra de uma *tríplice* unidade: de *ação*, de *tempo*, de *lugar*.

Nota-se, num poema: o *início*, a *exposição*, o *desfecho*.

A mitologia dividia o governo do mundo entre três deuses: *Júpiter*, rei do céu; *Netuno*, senhor do Oceano; *Plutão*, tirano dos infernos.

O inferno, morada das almas, tinha três divisões: o *Eliseu*, o *Limbo*, o *Tártaro*.

Havia aí três juízes: *Minos*, *Eaco*, *Radamanto*.

Cérbero, guardião do inferno, tinha três cabeças. Esse emblema egípcio significava *gritos da fossa*. Suas três cabeças lembram os *três gritos* lançados pelos assistentes no momento da inumação, substituídos, nos tempos modernos, pelos *três punhados de terra* lançados sobre o ataúde, ou pelas *três aspersões com água benta*. O lugar de Cérbero junto dos túmulos significava *fidelidade à memória dos mortos*.

Na Vestfália, havia três guardiões (*franco-juízes*) à porta do Tribunal Secreto.

Como entre os egípcios, o ano judeu dividia-se em *três estações*. O mesmo acontecia, no princípio, entre os gregos; então a lira tinha apenas *três cordas*; passou a ter quatro quando se acrescentou mais uma estação ao ano.

Em Argos, a estátua de Júpiter tinha *três olhos*, para observar ao mesmo tempo, o *céu*, a *terra* e os *infernos*; o sol em suas *três formas de ação* nas *três estações* (*olho* e *sol* se exprimem por uma mesma palavra na maioria das antigas línguas da Ásia).

Os gregos tinham o seu *Mercúrio tricéfalo*.

São três as escritas usadas no antigo Egito: a *hieroglífica*, a *hierática* e a *demótica* e popular; a expressão, ou valor gráfico dos signos, era dividida em *figurativos*, *simbólicos*, *fônicos*.

Três pontos a distinguir na religião egípcia: o *dogma*, a *hierarquia* e o *culto*. A hierarquia apresentava uma *tríade*, com *Amon*, *Mouth* e *Kons*, formada das três partes de *Amon-Rá* (o ser criador), que se subdividiam em muitas outras *tríades* ou *trindades* secundárias, entre as quais, *Osíris*, *Ísis* e *Hórus* permaneceram na memória dos povos.

Contam-se três raças humanas: a raça caucasiana ou *branca*, a raça etiópica ou *negra* e a raça mongólica ou *amarela*.

A vida humana foi confiada a três Parcas: *Cloto*, *Laqué-sis*, *Átropos*.

Três Fúrias: *Alecto*, *Megeira*, *Tisífone*.

Três Gréias ou velhas: *Ênio*, *Péfredo*, *Dínon*.

Três Górgonas: *Medusa*, *Esteno*, *Euríale*.

Três Sereias: *Partênope*, *Leucósia*, *Ligéia*.

Três Hespérides: *Egle*, *Aretusa*, *Hiperetusa*.

Três Dodônidas: sibilas, que davam os oráculos em Dodona.

Três Graças: *Aglaia*, *Tália*, *Eufrosina*.²²

Os antigos bebiam *três vezes* em favor das Graças.

Três Cíclopes: *Bronté*, *Esterope*, *Piracmon*.

Contam-se três idades: a *idade do ouro*, a *idade do bronze*, a *idade do ferro*.

O raio de Júpiter, forjado por Vulcano, contém, segundo Virgílio, três raios de *granizo*, três raios de *chuva* e três raios de *vento*.

Três deusas: *Juno*, *Palas* e *Vênus*, disputaram o prêmio da beleza.

Juno teve *três filhas*.

Vênus fazia-se acompanhar dos *jogos*, dos *risos* e dos *amores*.

Minerva teve *três amas*.

22. Seus nomes significam *brilhante*, *flores*, *alegria*. Elas presidiam aos benefícios, à concórdia, às alegrias, aos amores e até à eloquência; elas eram o emblema sensível de tudo o que pode tornar a vida agradável. Eram pintadas dançando e segurando-se pela mão; nos seus templos só se entrava coroados de flores.

Os que condenaram a mitologia fabulosa não a compreenderam, ou teriam confessado o mérito dessas ficções alegres, que anunciam verdades das quais resultaria a felicidade do gênero humano.

Dava-se a Têmis três filhas: a *equidade*, a *lei*, a *paz*.

Faetonte tinha *três irmãs* que, à sua morte, foram transformadas em choupos e suas lágrimas em âmbar.

Três ninfas, segundo Teócrito, presidiam a fonte da Tessália, que conservava a vida, perpetuando a beleza.

Em Atenas, nas cerimônias de iniciação, três jovens, tomando os nomes de *Herse* (a chuva), *Pandrosa* (o orvalho), *Aglaura* (o bom tempo), carregavam sobre o *crivo místico* (emblema da *agricultura*), uma criança (*Hórus*, trabalhador) e uma serpente (*símbolo da vida*). — Teócrito (Idílio XIII) mostrou Hílas indo buscar água numa fonte que era presidida por *três ninfas*: *Enica*, *Mális* e *Nicéia*.

A lua teve *três nomes* e *três rostos*: *Hécate*, nos infernos, presidia à feitiçaria; *Diana*, na terra, perseguia os animais selvagens; e *Phoebe*, no céu, conduzia o carro da lua; ela é, por último, a constelação do *mistério*, do *amor* e do *crime*.

Três rios: o *Estige*, o *Flegetonte*, o *Cocito*, cercam o Tártaro.

O *tripé* de Apolo; sua lira de *três cordas*; as *três libações* ordenadas em seu templo.

O *tridente* de Netuno.

Os *três corpos* de Gerião.

Damasco, na Síria, tinha *três deuses*.

Na Samotrácia, *três deuses Cabírios*; um deles, ferido de morte, retornou à vida.

Três heróis gregos fundaram Ítaca: *Nerito*, *Políctor*, *Ítaco*.

Entre os escandinavos, os *três filhos* de Bores, as *três raízes* do carvalho Ydrasil.

Os epicuristas conheciam três paixões apenas: a *alegria*, a *dor*, o *desejo*.

Entre os antigos, sob pena de imolar uma vítima a Ceres, era-se obrigado a espalhar por três vezes pó sobre um cadáver.

que se encontrasse; daí, sem dúvida, os três punhados de terra sobre o ataúde de nossos mortos antes de se encher a cova, isto é, antes da separação eterna.

Cuspia-se por *três vezes* para desviar os encantamentos (Teócrito).

A Roma primitiva tinha *três portas*, relacionadas com o ano, que tinha *três estações* apenas. Mais tarde, sob Sêrvio Túlio, a cidade teve quatro portas.

Rômulo dividiu em *três partes* as terras do Império Romano: ele consagrou a primeira ao culto dos deuses, a segunda, às despesas públicas, e dividiu a terceira entre todos os seus súditos; daí o sonho da lei agrária pelas pessoas que nada têm de seu.

Os cidadãos romanos dividiam-se em *três corpos de Estado*:

Os *patrícios*, ou *Pais da Pátria*, os mais antigos dos quais formavam o corpo do Senado.

Os *plebeus*, ou classe do povo, de onde saía:

A *ordem dos cavaleiros (equites)* assim chamada em virtude do cavalo (*equus*) todo ajaezado que a república lhes dava e mantinha para o serviço militar. É dos cavaleiros que se compunha a cavalaria de elite que constituía a força dos exércitos de Roma. Como sinal distintivo de sua dignidade, eles usavam a toga debruada de púrpura, pouco diferente da dos senadores e, no dedo, um anel com uma figura emblemática gravada sobre uma pedra preciosa. — Aníbal recolheu vários alqueires delas depois da batalha de Cannes.

É à imitação dessa divisão que se estabeleceu na França o *clero*, a *nobreza* e o *terceiro estado*.

Antônio e Otávio fundaram o *triunvirato*. Napoleão I fez *três cônsules*; mas, como a *Trindade*, era um em *três pessoas*.

O Senado romano outorgou três coroas a Petrarca: uma de *hera*, outra de *louro*, outra de *mirto*.

Três espécies de sectários tomaram o título de Acadêmicos: *Platão* foi o chefe da primeira; *Arquesilas*, da segunda; e *Casma-deas*, da terceira. Diz-se que ele pagou uma soma equivalente a 900 francos por *três pequenos tratados* de Pitágoras.

Catão, o Censor, arrependeu-se de *três coisas*: de ter passado um dia sem nada aprender; de ter viajado por água, podendo ter viajado por terra; de ter confiado seu segredo à própria mulher.

César, em sua guerra contra Pompeu, anunciou sua vitória sobre Párnaces, filho de Mitridates, que tinha a intenção de permanecer neutro, por estas três palavras: *Veni, vidi, vici*, que expressava a rapidez de sua vitória.

Sob o reino de Augusto, o templo de Jano foi coberto por *três vezes*.

Três Horácios deitaram por terra os *três* Curiáceos.

Aquiles arrastou por *três vezes* o corpo de Heitor em torno das muralhas de Tróia, para vingar a morte de Pátroclo.

O famoso assédio de Ostende, por Albert, soberano dos Países Baixos, durou *três anos, três meses e três dias*; diz-se que custou 100.000 homens.

Eurípedes produzia com dificuldade; em geral, não fazia mais do que *três versos* em *três dias*, enquanto que o poeta Alceste fazia *trezentos* no mesmo espaço de tempo.

Dionísio, o Tirano, deu *três soberbos escravos* ao filósofo Aristipo, que os levou até a praça pública onde, em vez de vendê-los, libertou-os.

O famoso edifício de Assis, construído por Lapa, arquiteto de Florença, era dividido em *três andares* que formavam três templos separados.

Francisco I, querendo elevar Châtel às mais altas dignidades da Igreja, perguntou-lhe se ele era gentil-homem. O modesto capelão respondeu: "*Três irmãos* encontravam-se na arca de Noé: não sei bem de qual dos três descendo." O rei tornou-o bispo.

A arca de Noé tinha *três andares*.

O templo de Salomão tinha três partes, imagens da *terra*, do *mar* e do *céu* (do *ar*).

O papa Silvestre II, criado por caridade entre os beneditinos, ocupou três sedes: *Reims*, *Ravena* e *Roma*, *três nomes* que começam por R. Ele foi o primeiro bispo francês a usar a tiara.²³

O *trirregno*, *três coroas* colocadas sobre a tiara do papa, indica o domínio do bispo de Roma sobre os bispos da *Ásia*, da *África* e da *Europa*.

A bela e célebre bearnesa *Almodis* teve três maridos vivos: o conde de *Arles*, o conde de *Toulouse* e Raymond, conde de *Barcelona*.

Henrique III tinha três filhinhos de quem gostava de um modo particular: *François*, *Joyeuse* e *Épernon*.

O jesuíta *Jachery*, escondido atrás de *três tabuleiros de xadrez*, ordenava seus ataques de modo a dar cheque-mate em seus *três* adversários.

Etienne Pasquier, célebre advogado, casara-se por três vezes. Ele dizia que tomara sua primeira esposa *propter opus*; a segunda, *propter opes*, e a terceira *propter opem*.

Depois de uma representação de *Astréia* e de *Tiestes*, perguntaram a Crébillon por que ele adotava assim o gênero terrível. "É o único dos *três* que me resta, respondeu: *Racine* tomou o *céu*; *Corneille* apoderou-se da *terra*; só me resta o *inferno*".

Grétry teve *três filhas*, que perdeu no espaço de *três anos*; escreveu *trinta e três obras*, que foram representadas por mais de 33.000 vezes; morreu em 1913, na idade de 73 anos.

Em política, a *grandeza*, a *prosperidade* e a *duração* dos Estados dependem de três coisas: da *justiça* dos soberanos, da *sabedoria* das leis e da *pureza* dos costumes.

23. Em grego *tiara*, de *tiô*, eu honro. Outrora ornato usado pelos príncipes e pelos sacrificadores entre os persas e outros povos do Oriente. Hoje, ornato usado pelo papa, adornado por *três coroas*.

Eudes, conde de Paris, nunca espancava os normandos, na guerra que lhes fez em 888, senão *três a três*, por respeito à Santíssima *Trindade*.

Lelox, primeiro rei de Esparta, teve *três filhos*.

Adão teve três filhos: *Caim, Abel e Seth*.

Deucalião, filho de Prometeu, teve *três filhos*.

Noé também teve três filhos: *Sem, Cham e Japhet*.

Helene, filho de Deucalião e da ninfa Orseis, e que deu seu nome à Grécia, teve três filhos: *Eólo, Doro e Xuto*.

Três heróis, nascidos do sangue do dragão morto por Cadmo — *Echion, Uden, Thanius* — ajudaram esse príncipe a construir Tebas.

Três são os romanos celebrados por sua coragem: *Horatius Cocles, Mutius Scaevola, Clélio*.

Três imperadores romanos ficaram célebres por sua virtude: *Tito, Trajano e Marco Aurélio*.

Trio discordante: *Juventude, Amor, Velhice* (Boiste).

Trios célebres: *Zenão, Platão, Ariosto*. — *Galileu, Locke, Newton*. — *Voltaire, Rousseau, Dalember*.

Três montes célebres: *Hélicon, Parnaso, Piério*.

Três israelitas — *Coré, Dathan, Abiron* — revoltaram-se contra Moisés, por instigação de Maria, sua irmã.

Os Templários veneravam o número *três*:

“O chefe do capítulo que se reunia à noite, na igreja, mandava perguntar *por três vezes* ao recipiendário se ele queria ser admitido. Submetiam-no *por três vezes* ao mesmo interrogatório, e ele devia, por sua vez, pedir *por três vezes* pão e água. Os cavaleiros estavam sujeitos aos três votos de *pobreza, castidade e obediência*. Eles observavam três grandes jejuns. Comungavam *três vezes* por ano, ouviam missa e comiam carne *três vezes* por semana. Nos dias de abstinência, podiam servir-lhes três pratos diferentes. Cada um deles devia ter três cavalos.

Juravam não fugir diante de três inimigos. Adoravam solenemente a cruz em *três épocas* do ano. A esmola era feita *três vezes* por semana. O que faltava a seus deveres era flagelado *três vezes* em pleno capítulo, etc. (Michaud, Hist. das Cruz, notas e esclarecimentos)."

Acusavam-no de ter negado *por três vezes* ao Cristo e de ter escarrado em sua figura *por três vezes*. (Circul. de Felipe o Belo, de 14 de setembro de 1307.)

Em 1776, as lojas de Bordéus dotam e casam *três moças*, para celebrar a presença, em seu Oriente, do G.'. M.'. da Maçon.'. franc.'..

Três grandes fundadores de religiões: *Moisés, Jesus, Maomé*.

São três os edifícios espirituais: os *Vedas, o Evangelho, o Corão*.

TRINDADES RECONHECIDAS: Primeira. Substância ternária superior: *Força, Forma e Vida, Trindade* espiritual, com ritmo ternário, de toda a verdade, de toda a existência.

Segunda. O *Éter*, ou fluido universal que contém três outros fluidos: *eletricidade, luz, calor; força, forma, vida*.

Terceira. *Trindade* inferior: *oxigênio, hidrogênio, azoto*.

Id. Id. considerando, em seus efeitos, a ação universal, encontramos esta quarta manifestação ternária: *criação, conservação, destruição*.

A TRIMÚRTI da teologia hindu, *trilogia* filial: *Brahma, Çiva, Vichnu*, personificada, no mundo das idéias, por: *criação, conservação, destruição*, e, no mundo dos fatos, por: *a terra, o fogo, a água*, simbolizadas pelo *lótus*, que vive ao mesmo tempo na água, na terra e no sol.

Essa é a *trimúrti* primitiva, rudimentar, simbólica, resumida no *lótus* que, por esse motivo, era o atributo de *Ísis*.

Jonas ficou durante *três dias* no seio de uma baleia, de onde saiu vivo.

Três magos, *Baltazar, Gaspar e Melchior*,²⁴ foram adorar o menino-Deus, e lhe deram três presentes: o *ouro* (princípio solar), o *incenso* (princípio terrestre), a *mirra* (princípio aquoso).

São Pedro renega *por três vezes* a seu Mestre; nem por isso deixa de receber as *três chaves* do paraíso.

Três discípulos enganam a Jesus: *Judas* o trai; *Pedro* o renega *por três vezes* e *Tomé* duvida dele.

Três cruzes no Calvário.

Três pregos prenderam Jesus à cruz.²⁵

Ele passou *três dias* no sepulcro.

Os cristãos contam *três hierarquias* de anjos.

São três as virtudes teologais: a *fé*, a *esperança*, a *caridade*.

Essas virtudes são as *três colunas* do grau da Rosa-Cruz.

O templo alegórico dos maçons repousa sobre três colunas: *sabedoria, força e beleza*.

Os *Trinósofos* adotaram esta *tríplice* e antiga divisa: o *aprendiz*, o *companheiro* e o *mestre*.

Eles aprendem três coisas: *moral, ciência exata e doutrina sagrada*.

Uma loja tem *três jóias móveis* e *três jóias imóveis*.

As três primeiras jóias, de acordo com antigas anotações, eram: a *Bíblia* (essa palavra é grega e quer dizer *livro*), para guiar a fé; o *esquadro*, para orientar as ações da vida; e o *compasso*, para dirigir os deveres para com o próximo e seus irmãos.

24. Apenas São Mateus fala desses *três magos*, cujos nomes alemães foram fabricados posteriormente em Colônia.

25. *Gregório de Tours* diz que os pregos eram *quatro* (*De Gloria*, cap. VI). *Cipriano* é da mesma opinião em seu *Sermo de passione*; em se tratando de religião, existem variantes nas coisas mais indiferentes.

O número *três* simbolizava a terra; ele é uma figura dos corpos terrestres, de onde: *tridente*, *anfitrite*, os *tritões*, etc.

Os dois, metade superior do *três*, é o símbolo dos vegetais; sua metade inferior é vedada à vista.

As leis constantes da harmonia universal demonstram: o *infinito*, a *onipotência*, a *eternidade*.

Costuma-se dizer, brincando, “semana de *três* quintas-feiras”, para dizer *nunca*, pois, não existe semana com mais de uma quinta-feira.

PROFECIA DOS TRÊS IRMÃOS

Madame Louise de França, filha de Luís XV, entrara para as carmelitas de Saint-Denis, em 1771. Poucos anos depois, os três sobrinhos dessa princesa: o *Delfim* (depois Luís XVI), o conde de *Provença* (Luís XVIII) e o conde de *Artois* (Carlos X), foram visitar a real carmelita em sua nova morada. Havia então, nesse convento, uma religiosa que tinha o dom da profecia e que gozava de grande celebridade entre as pessoas piedosas e mesmo na corte.

Madame Louise, que tomara o nome de irmã *Teresa de Santo Agostinho*, quis mostrar à profetiza os três jovens príncipes, e, quando eles se retiraram, *disse a filha de Luís XV*: “Que pensais a respeito deles? qual será o seu destino?”

— “O destino dos três irmãos que devem reinar sobre a França? — *retrucou a carmelita*. O reino só ficará em paz quando os três irmãos tiverem governado um depois do outro. E é o que irá acontecer. O primeiro morrerá *sem cabeça*, o segundo *sem pernas* e o terceiro *sem corte*.”

Quando a *Delfina* deu à luz o duque de *Berry* (Luís XVI, 13 de agosto de 1754), ninguém da casa de França estava presente: a corte estava em Choisy-le-Roi. O correio encarregado de levar a notícia caiu do cavalo na barreira e morreu da queda. O abade de Saujon, que devia batizar às pressas a criança, dirigia-se para a capela do castelo e caiu, paralisado, na grande escadaria de Versalhes. Enfim, das *três* amas de leite escolhidas

pelo médico do Delfim, duas morreram no espaço de oito dias, e a terceira teve bexigas ao cabo de seis semanas. "Eis que não é um feliz presságio, diz Luís XV, e eu não sei como pude dar-lhe o título de *duque de Berry*: um nome que dá azar."

OBSERVAÇÃO

Este RITUAL é o mais completo que se publicou até agora. Contém todos os símbolos que deve estudar e conhecer o aprendiz que, no cerimonial de sua recepção, representa a primeira estação de sua vida. São-lhe dadas explicações a fim de iniciá-lo na ciência maçônica e no modo de descobrir o sentido dos símbolos antigos.

Se este Ritual pudesse ter sido publicado um século e meio mais cedo, teria protegido os maçons contra todas as injustiças e tribulações que tiveram de suportar a partir de 1737. Com ele, a Maçonaria passaria a ser vista como o guia do sábio e da humanidade, isto é, uma vasta escola moral de instrução, de conduta e de virtude, que teria imposto silêncio à calúnia, pois FAZER CONHECER A MAÇONARIA É O MESMO QUE FAZÊ-LA AMAR.

Achamos que, se as oficinas colocassem em prática e desenvolvessem as matérias tratadas nesses Rituais, a triste e por demais longa lista das RADIAÇÕES ANUAIS, por faltar às sessões ou por não-pagamento de cotizações, reduzir-se-ia de muito ou talvez a nada. As lojas não devem culpar-se quando um irmão chega a deixar-se riscar de seu quadro por esse último motivo, que precisa ser encarado de duas maneiras: Ou *esse irmão pode pagar e não quer fazê-lo*, ou *ele não pode pagar*. No primeiro caso, provavelmente, devem ter-lhe prometido uma instrução de que ele não ouviu mais falar desde que foi recebido: deve ele pagar o que não lhe é proporcionado? Antes de admiti-lo, a

oficina não deveria ter-se assegurado a respeito de sua constância ou da vacilação do seu caráter? A oficina é, portanto, mais digna de censura do que o irmão recalcitrante. De que serve à Ordem uma oficina que deixa seus irmãos na ignorância!

Se um irmão realmente não pode pagar, tem uma conduta e um caráter honrados e foi recebido, deve-se conservá-lo honorariamente e, bem longe de riscá-lo, deve-se ir em seu auxílio e ajudá-lo, fazendo o propósito de examinar melhor, no futuro, a independência dos candidatos.

ÍNDICE ANALÍTICO DOS ASSUNTOS

Origem do nome Franco-maçom	7
<i>Id.</i> dos antigos Mistérios e posteriormente da Franco-maçonaria	11
Sumário do grau	19
RITUAL DO GRAU DE APRENDIZ	21
Os Rituais	23
Preliminares	24
Apresentação para a iniciação, filiação ou regularização	24
Intervalos a observar na colação dos graus	25
Das demissões e licenças	26
Das honras e precedências maçônicas	27
Preparação do recipiendário	29
Câmara das reflexões	29
Disposição e decoração da loja	30
Adornos dos oficiais	32
Jóias	33
Quadro dos oficiais dos dois ritos <i>francês e escocês</i>	33
Abertura dos trabalhos	35
Recepção	40
O que é a ignorância? E por que os ignorantes são teimosos, irascíveis e perigosos?	42
Dizei-nos vossa opinião a respeito do fanatismo e da superstição	42
O que é o erro?	43
O que são os preconceitos?	44
O que é a mentira?	44
O que são as paixões? Elas são úteis ao homem?	44
O que são os costumes?	46

O que é a moral?	46
O que é a moralidade?	46
O que é a lei e a lei natural?	47
O que é a virtude?	47
O que é a honra?	48
O que é a barbárie?	48
O que é o vício?	49
Primeira viagem (provas físicas)	49
Crede num Ser Supremo?	50
O que é o deísmo?	51
Segunda viagem (<i>ablução</i> , etc.)	52
Reflexões sobre as três perguntas costumeiras	52
Terceira viagem (<i>purificação pelo fogo</i> , etc)	55
Juramento	59
Queda da venda	59
Consagração	60
Comunicação das palavras, sinais, toque, etc.	61
Proclamação	62
INSTRUÇÃO	63
Que é a Franco-maçonaria?	63
Significação da palavra de passe T	65
Explicação dos emblemas	67
A venda nos olhos. — O pé direito em chinelas	67
A ponta do compasso sobre o peito nu. — O compasso	67
O sinal. — Os dois golpes precipitados e um lento. — Os três passos. — As três viagens. — As purificações. — A idade do Aprendiz. — A pedra bruta. — As duas colunas	68
A romã. — O piso mosaicó. — A loja — O quadrado oblongo	69
A palavra <i>oriente</i> . — As três luzes. — A espada flamejante. — O esquadro do Venerável. — O nível do primeiro Vig.'. — A perpendicular do segundo Vig.'. — Jóias móveis. — As três grandes colunas do templo. — Os troféus militares de mistura com outros emblemas	70
Quando um maçom escreve a um I.', que nome toma a sua carta e como ele deve datá-la?	71
Por que não dizer o ano da Verdadeira Luz 5875?	71
Por que se escolheu o mês de <i>março</i> para começar o ano Maçônico?	71

Por que se supõe que os maçons abrem seus Trab. ao meio-dia para fechá-los à meia-noite?	71
Encerramento dos trabalhos	72
Loja de mesa	75
Falta punida	76
Nomes místicos dos utensílios de mesa	77
Os sete brindes que substituem as sete libações antigas	78
Reinício dos trabalhos de mesa	81
Brindes. — Ordem da mesa	82
Comando e exercício do primeiro brinde	83
Nota a respeito da redução dos brindes a cinco	86
A corrente (<i>saturnal</i>)	87
Cântico de encerramento	87
Reprodução de todo o cântico	88
Encerramento dos trabalhos	90
Iniciação de um surdo-mudo	93
Filiação à Loja	95
Nota a respeito do número três	97
Profecia dos três irmãos	113
Nascimento de Luís XVI	113
Observação sobre este Ritual	115
Nota sobre o quadro dos assuntos	119

NOTA - Este Índice Analítico deve provar aos maçons superficiais ou indiferentes, assim como ao homem do mundo que despreza o que não conhece, que sua indiferença e seu desdém não têm razão de ser e nada provam, e que os trabalhos filantrópicos e científicos dos maçons, como eles pensam, não se baseiam em frívolas futilidades.

Os Rituais seguintes* dão o complemento interpretativo da instrução que o iniciado deve adquirir nas três ordens: a *simbólica*, a *capitular* e a *filosófica*. Esses Rituais não impedem, de forma alguma, que se pratiquem os Rituais oficiais; eles apenas lhe servem de complemento, ajudando os chefes de oficinas no desenvolvimento da instrução que deve ser dada.

* *Do Companheiro e do Mestre (N. T.)*